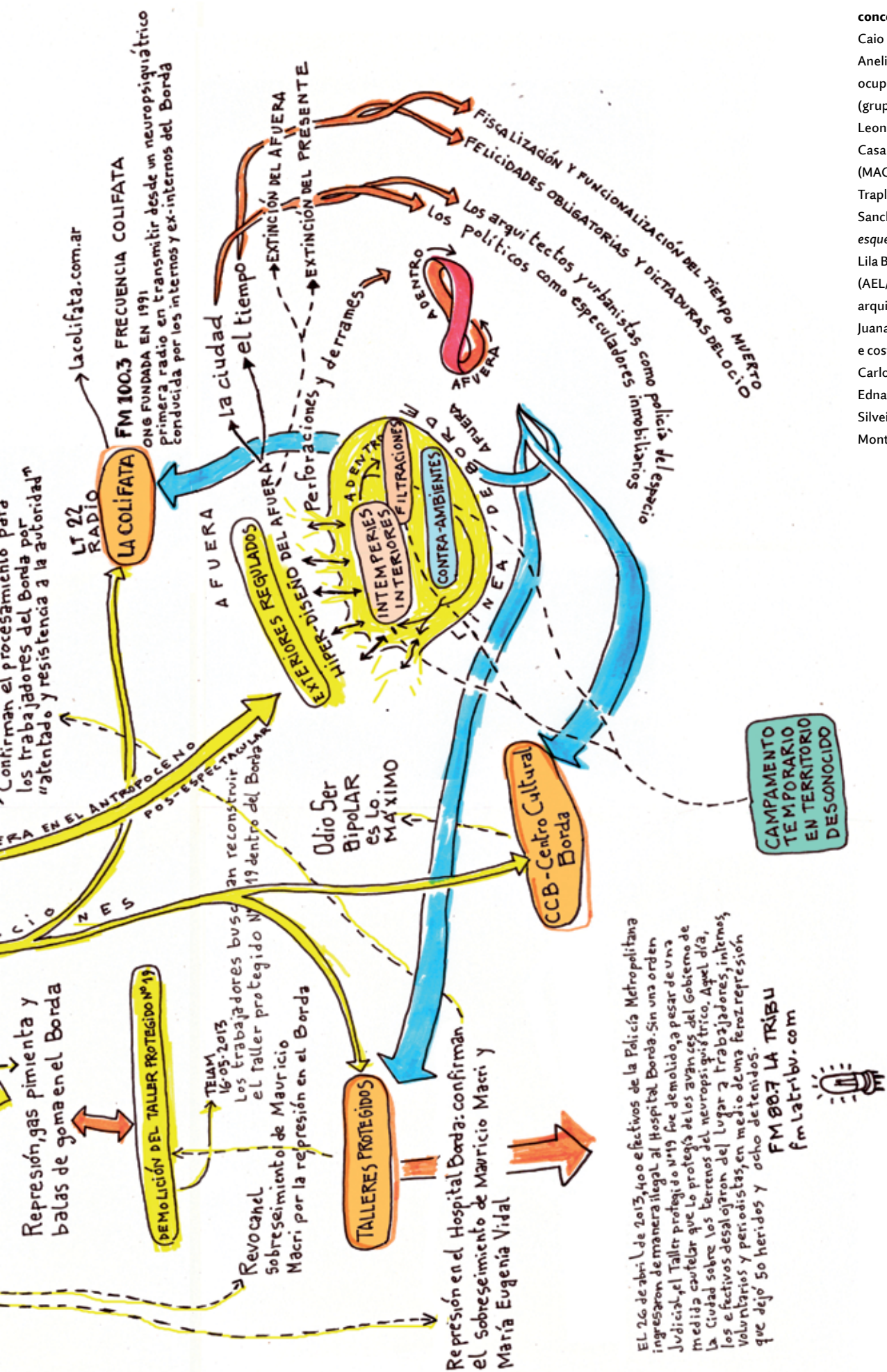




EL 26 de abril de 2013, 400 efectivos de la Policía Metropolitana ingresaron de manera ilegal al Hospital Borda. Sin una orden judicial, el Taller protegido N° 19 fue demolido, a pesar de una medida cautelar que lo protegía de los avances del Gobierno de la Ciudad sobre los terrenos del neuropsiquiátrico. Aquel día, los efectivos desalojaron del lugar a trabajadores, internos, voluntarios y periodistas, en medio de una feroz represión que dejó 50 heridos y ocho detenidos.

FM 88.7 LA TRIBU
fm.latribu.com



2359-3954

ISSN 2359-3954 - N.5, fevereiro de 2018, R\$ 2

concepção e edição Fernanda Grigolin **projeto gráfico** Lila Botter **equipe editorial** Caio Paraguassu e Ieda Lebsztayn **participam** Andrea Beltramo, Andrea Mendes, Anelise Csapo, Antonio Carlos de Oliveira, Caróu Oliveira, Camila Valones, coletivo ocupeacidade, Dário Marroche com microutopias, Danilo Perillo, Fausto Gracia, G+E (grupo maior que eu), Jael Caiero e Imensidades, Jully Vasconcelos, La Cucaracha, Leonardo Araujo Beserra, Leonello Zambon, Livia Aquino, Livia Auler, Magui y Muma por Casa Sofia, Mane Adaro, Marcio Harum, Museo de Arte Contemporáneo de Montevideo (MACMO), Nathanael Araújo, Peter de Brito, Raquel Stolf, Rosana Paulino, Thiago R, Traplev, Rose Steinmetz com Alejandra Velasquez, Brenda Corso, Daniela Corradi, Erika Sanchez, Laura Cruz, Laura Ruiz e Zully Benitez **encarte** *Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro* texto, pesquisa e edição de Fernanda Grigolin, projeto gráfico de Lila Botter e coedição de Paola Fabres **fontes das imagens** Arquivo Edgard Leuenroth (AEL/IFCH- UNICAMP), Cinemateca Brasileira e Arquivo 17 (www.tendadelivros.org/arquivo17) **homenagens** a Maria A. Soares, Paul Beatriz Preciado, Maria Emilia Cornejo, Juana Belén, bell hooks, Gilka Machado, aos pensadores descoloniais e a todas as tecelãs e costureiras anônimas que lutaram por formas dignas de viver **agradecimentos** Antonio Carlos de Oliveira, Cecilia Correa, Centro Cultural Ocupa Ouvidor 63, Christina Lopreato, Edna Virgínia, Fernando de Tacca, Jaqueline Soares, Marina Mayumi, Paola Fabres, Paulo Silveira, Perla Sofia, Regina Melim, Maria de Lourdes Grigolin, Mariano Klautau, Paula Monterrey Sobral, Samanta Colhado Mendes e Vanda Grigolin

JORNAL DE BORDA

EN LA MITAD DEL CAMINO RECORRIDO

he vuelto al camino de la soledad
al camino de la transparencia y la limpieza
he vuelto a los lugares inéditos
donde miedos milenarios pugnan por salir.
he vuelto
yo lo sé,
a la angustia de una noche que se acaba,
al poema terminado,
al silencio,
a mi vida.
María Emila Cornejo

*Jornal de Borda*¹ chega à metade do seu caminho. A edição que você tem em mãos propõe este mote: **Reconhecer os próprios privilégios é o primeiro passo para entender as desigualdades sociais e lutar contra elas**². Apesar de mulher gorda, sou denominada no meu país como branca, seguramente meu maior privilégio. Eu poderia elencar todas as minhas condições desiguais, desde um avô analfabeto, órfã antes de me entender como pessoa, ou a família de origem rural e pobre. Todavia, os lugares a que tive acesso passam pela minha branquitude, e o ato de olhar para o meu privilégio com desconforto real deveria vir com um combate diário a ele. Pouquíssimos brancos se reconhecem como grupo social; pensamos que somos indivíduos e não um grupo constituído e beneficiário de opressões históricas coloniais que seguem até hoje; há uma naturalização da nossa condição, e olhamos muito mais a condição do outro e suas desigualdades do que a nossa: advinda de nosso privilégio. Com essa frase/provocação, o *Jornal* não tem o intuito de dar respostas, a tentativa é falar com outros, individual e coletivamente, sobre o reconhecimento de nossos privilégios. Cada pessoa convidada deu à frase a sua resposta, na medida da sua vivência, do seu lugar de fala.

Quem está no Borda 05
O *Jornal* é composto por 29 participações mais o encarte *Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro*. Artistas, editores, historiadores, mulheres migrantes, militantes anarquistas, militantes do movimento negro, ativistas LGBT e mulheres feministas estão aqui; todas e todos habitantes de países da América Latina – Brasil, México, Argentina, Colômbia, Chile e Uruguai. O encarte são as primeiras palavras da *mulher do canto esquerdo do quadro*: ela viveu a greve de 1917 e outros momentos da Primeira República; é uma ficção que dialoga com fatos históricos e com mulheres então atuantes. Esta edição teve como gatilho o “Despertar feminino”, de Maria A. Soares, de 1914: exposição lúcida e atual³ de uma mulher anarquista com muito conhecimento da realidade. O texto de Maria são as palavras finais do Borda, porém ele não está concentrado em um local, ele se espalha por todo o jornal ao encontrar mulheres contemporâneas a mim e atuantes. Foram convidadas quatro mulheres feministas militantes para responderem à Maria Soares e trazerem o seu dia a dia: ora como mulher negra e ativista, Andrea Mendes, ora como feminista militante descolonial, Camila Valones, ora como companheiras anarcofeministas, Anelise Csapo e Jully Vasconcelos. “Despertar feminino” e as quatro Respostas à Maria

A. Soares dão o ritmo, a textura do jornal e convocam o leitor a uma reflexão sobre a invisibilidade das mulheres no nosso cotidiano e a invisibilidade das anarquistas como referências dentro dos feminismos latino-americanos⁴. Suas evocações se encontram com os textos de: Antonio Carlos de Oliveira, que discute os próprios privilégios e traz sua militância anarquista; Caróu Oliveira, historiadora e pesquisadora de sexualidade; Jael e Imensidades, duas artistas que realizam fanzines e possuem discussão sobre mulheres gordas e cultura LGBT. As últimas poderiam ser a ponte para se falar das conexões entre arte e feminismo que

e os percursos e encontros dele com o Jornal de Borda. Conheci o artista na Feira Paraguay e iniciamos então uma conversa. Há outras participações também resultantes de diálogos: do Grupo maior que Eu (G>E), coordenado por Karlla Girotto, convidado a pensar criticamente os manuais produzidos pelos coaches de relacionamento, e de Magui e Muma do espaço independente de arte e política, Casa Sofia em Buenos Aires, que criaram

também tem o cotidiano e a linguagem simples como base, porém com eles produz som. Peter de Brito e Rosana Paulino e suas pesquisas sobre corpo, arte contemporânea e ancestralidade afrobrasileira também estão aqui. Os privilégios de todos mudam de cara e roupagem de acordo com o trânsito de nossos corpos, poderia ser o resumo do texto de Fausto Gracia. A frase tema “Reconhecer os próprios

3 Não se sabe ao certo se Maria A. Soares é Maria Antonia Soares ou Maria Angelina Soares, duas irmãs anarquistas de atuação muito importante atuação em uma São Paulo de cem anos atrás, mas o encontro com esses textos só foi possível devido às pesquisas de outras mulheres que se debruçaram na vida das anarquistas, como é o caso dos trabalhos de Samanta Colhado Meneses e Raquel Rolnik, e ao trabalho atualíssimo de Christina Lopreato e a nossas inúmeras conversas formais e informais sobre aquele momento e a atuação dos anarquistas.

estão com: Andrea Beltramo e o trabalho de Interjecciones Sur; Mane Adaro, editora e pesquisadora nas relações entre arte, fotografia e feminismo; Lívia Auler, que pesquisa a invisibilidade das lésbicas nas artes, e Rose Steinmetz, que traz os encontros com as artistas de rua, moradoras do Centro Cultural Ocupa Ouvidor 63, a maior ocupação artística da América Latina. Nossa capa é um trabalho de Leonello Zambon, mapa afetivo, político e espacial do Hospital de Borda, o hospital psiquiátrico de Buenos Aires,

uma sequência de trabalhos sobre o tema do jornal e um blog com o conteúdo. As contribuições de Raquel Stolf, Leonardo Araújo e Darío Marroche atuam nas bordas da relação da palavra escrita e suas leis fundantes com as artes visuais e conversam com as crônicas de Nathanael Araújo e Márcio Harum. Já La cucaracha se utiliza de linguagem publicitária para realizar paródias, Lívia Aquino também questiona frases usuais que só demonstram os preconceitos e relações de poder de nossa sociedade. Thiago Ruiz

privilégios” exposta imensa na rua pelo coletivo ocupeacidade ou mesmo em outra dinâmica e língua como a de Traplev demonstra que repetir um lema em outras dimensões e grafias faz dele um trabalho compartilhado. A dimensão também é o campo de Danilo Perillo, artista que trabalha no cerne da questão gráfica e suas proximidades e distâncias. Bem-vindes ao novo *Borda*, o *Borda* da metade do caminho trafegado. **Fernanda Grigolin**

POR QUE NÃO HOUE GRANDES ARTISTAS LÉSBICAS?

POR LÍVIA AULER

mero, o Borda se articula com
o a suas relações com temas

tagem da exposição Arquivo 17.

relações estabelecidas pelo sistema de opressão, nutrido pelo capitalismo, pela
aber, pois a história não foi contada por nós, mulheres. Desta maneira, ao me debruçar
eri, que viria a ser algo anacrônico, com presente e passado em suspensão e tendo
possibilitando que novos significados se tornem visíveis.

trás. Os escritos das irmãs Soares são parte da minha pesquisa de doutorado,
des, Maria Isilda de Matos e Margareth Rago; e também ao mestrado pioneiro de

As mulheres foram excluídas da história da arte *tradicional*. Segundo Griselda Pollock e Rozsika Parker, no livro *Old Mistresses: Women, Art, and Ideology*, os historiadores da arte do século XX tiveram fontes suficientes para mostrar que mulheres artistas sempre existiram, mas eles as ignoraram. O termo *artista*, assim como as noções de *gênio* e *grandioso*, tornou-se atributo masculino. Dentro desse contexto, em que o gênero dominante e soberano da arte é claramente definido e protegido, o “mito do grande artista” é um tanto tendencioso e discriminatório – e a mulher artista é alguém claramente diferente do *Grande Artista*.

Partindo do fato de que mulheres artistas foram invisibilizadas na história da arte, chego ao ponto central desta divagação: a dupla invisibilidade das artistas que se envolviam amorosa e sexualmente com outras mulheres. Interrogar-me “por que não houve grandes mulheres artistas?” (Linda Nochlin, 2016), portanto, é fundamental e se coloca como base para chegar à questão: por que não houve grandes artistas lésbicas?

Um dos principais motivos para a mulher lésbica não ter sido reconhecida como artista e/ou não ter sido devidamente representada dentro da história da arte é por ela fugir da lógica patriarcal. Monique Wittig (1992) chegou à provocação de que “a lésbica não é uma mulher”, pois o conceito de mulher está estritamente relacionado a um sistema patriarcal e heterossexual, do qual a lésbica se recusa a fazer parte.

No ensaio “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica”, Adrienne Rich argumenta que a sensualidade erótica entre mulheres tem sido o fato mais violentamente apagado da experiência feminina – inclusive, com a destruição de registros, memória e imagens que documentavam a existência lésbica. A negação da realidade e da visibilidade da paixão entre mulheres tem representado “uma perda incalculável do poder de todas as mulheres em mudar as relações sociais entre os sexos e de cada uma de nós se libertar” (Rich, 2010, p. 40).

Como um exemplo do inegável apagamento da sexualidade implícito em algumas biografias, trago o livro *A Female Focus: Great Women Photographers*, de Margot Horwitz (1996). A autora não só oculta a homossexualidade de duas fotógrafas, Alice Austen e Berenice Abbott, como afirma que elas eram solteiras – sendo que a primeira viveu com a mesma parceira, Gertrude Tate, durante cinquenta anos, e Abbott, por sua vez, teve um relacionamento de trinta anos com Elizabeth McCausland.

Com essas questões em mente, que hoje me cercam e pungem, decidi, no mestrado em Artes Visuais, pesquisar artistas lésbicas na(s) história(s) da arte. Deixo com vocês um pouco do meu grito rasgado, um rastro das minhas investigações.

Vamos conhecer algumas artistas e dar visibilidade a elas? Romaine Brooks com seus chapéus e sua amada Natalie Barney; Tee Corine e suas fotografias de sexo entre mulheres; Barbara Hammer, que fundou sua própria produtora e, em diversos filmes, explorou a identidade e a sexualidade lésbica; o Lesbian Art Project, que se formou em 1977 e apresentou *An Oral Herstory of Lesbianism* no Woman’s Building, em Los Angeles; o grupo polêmico Ridykeulous que, desconstruindo o cartaz das Guerrilla Girls, fez *The Advantages of Being a Lesbian Artist*; Catherine Opie com seu fortíssimo *Self-Portrait/Cutting*, 1993; Laura Aguilar discutindo a identidade de lésbicas latinas, e Zanele Muholi fotografando lésbicas em sua terra natal, a África do Sul.

Trazer essas questões e dar nome às artistas, mesmo que aqui estejam apenas como um lampejo, é importante para tocarmos em frente uma discussão urgente e necessária. Muito urgente. Muito necessária. Ficam as fagulhas no ar. Seguimos.

A photograph of a protest sign on a wall. The sign is white with black text. The background shows a concrete wall with a metal fence on top, power lines, and a tall white building with many windows. The sky is blue with some clouds.

reconhecer os próprios
privilégios é o primeiro passo
para entender as desigualdades
sociais e lutar contra elas



RECONOCER LOS PROPIOS PRIVILEGIOS
ES EL PRIMER PASO PARA ENTENDER
LAS DESIGUALDADES SOCIALES Y
LUCHAR CONTRA ELLAS | INTERVENÇÃO
CRIADA PELO COLETIVO OCUPACIDADE
A PARTIR DO CARTAZ ORIGINAL DO
PROJETO ARQUIVO 17. DIMENSÃO 3X2M

O CORPO; A DANÇA E O LUGAR

POR NATHANAEL ARAÚJO

Entrei no espaço cênico montado no galpão do Sesc Campinas/SP naquela noite de terça-feira, 11 de julho de 2017, às 20 h da noite, um tanto atrasado – e soube disso no exato instante em que me sentei e as luzes foram imediatamente apagadas. No palco, um grande adê começou a ser lentamente içado por uma corda. O preto a marcar este único e expressivo objeto cenográfico, assim como o figurino dos três bailarinos que se espalhavam pelas extremidades do espaço. Em nenhum momento ausência de cores, mas junção indistinta destas. O corpo em movimento, feito som, e modulação entre música e saudação às folhas e aos orixás. As luzes, como lâminas, feixes para o olhar e guia da dança dos sentidos a me conduzir hipnoticamente rumo aos gestos, as dobras, ao fim – também começo.

Aos poucos, era remetido e ia desvelando o magnetismo de Exu; ou a sensualidade de Oxum, ponto do espetáculo no qual o adê era abaixado e, de dentro dele, uma das bailarinas soprava vida à entidade. Uma vez retirada de dentro do objeto e posicionada junto aos outros bailarinos, cada um em uma de suas extremidades, o adê poderia confundir-se com brincadeira de criança a lançar sem direção um balanço vazio, se não estivesse ali encarnada a ventania furiosa de Iansã insurgida. Uma pausa, e, ao ser mais uma vez içado, o objeto revelava os corpos de dois dos três intérpretes em sincronia no rastro do chão, pura gestação e Iemanjá. E então a força de Ogum, os feitiços de Ossanha, tudo e tanto que transborda e inunda o presente.

O meu estar sem palavras diante de *Abô*, espetáculo do Grupo Grial de Dança que, de certo modo, parece laurear vinte anos bem percorridos desde que a coreógrafa e bailarina Maria Paula Costa Rêgo aceitou o convite do escritor e dramaturgo Ariano Suassuna para criar o coletivo de pesquisa no Recife com fins de trabalhar a relação do que se consideram “tradições” ou “cultura popular brasileira” dentro de uma “estética contemporânea”. Ao fim da apresentação, a própria Maria Paula, que além de dirigir o espetáculo é uma de suas intérpretes ao lado de Anne Costa e Silas Samarky, contou que a intenção do trabalho foi desenvolver uma encenação coreográfica que desse conta de refletir sobre a presença da cultura mitológica dos orixás sem que isso significasse meramente a transposição para o palco de gestos ou ritos celebrados nas religiões afro-brasileiras. A meu ver, a trilha sonora assinada por Lucas dos Prazeres e Berna Vieira, os figurinos e cenário de Gustavo Silvestre e a luz de Jathyles Miranda deram conta de intensificar tal ambição, de modo a não corroborar o risco de se cair em um lugar-comum, por um lado, nem de criar excessos excêntricos que não mantivessem a atenção dos espectadores retida à proposta do Movimento Armorial que teve em Ariano Suassuna um de seus principais precursores desde os anos 1970.

Um ponto forte neste preâmbulo diz respeito à atenção e às reflexões que a performance me propiciou. Tanto fora quanto dentro do mundo das artes, o corpo negro padece constantemente enquanto aquele por princípio dado a ser colonizado e explorado, sendo ou o corpo do trabalho braçal e menos nobre, ou o receptáculo do gozo sexual do outro. Este corpo marcado e, a partir daí, diferenciado e inferiorizado facilmente se encontra, quando não subsumido, representado de modo aprisionado artisticamente. Em *Abô*, talvez pelo pano de fundo mitológico que remete a discussões de cunho religioso, somado à busca pelo brioso trato com ingredientes caros à formação do que denominamos Brasil, um dos princípios do Grupo Grial, a encenação sobretudo de Anne Costa é alçada a voos não apenas circunscritos sob a égide do corpo a ser desejado, tornando-se o corpo a ser esteticamente valorizado na sua complexidade cênica.

Pensar esse corpo que dança, a dança desse corpo; o lugar desse corpo na dança e da dança nesse corpo, dentro de um jogo de muitos espelhamentos, desponta, a meu ver, como saída do óbvio sem a negação do manifesto: a visão do corpo feminino e negro em movimento e sua abertura para outro estado de percepção: o da existência de um outro corpo. O espetáculo consegue produzir essa percepção, em que o corpo constituído por um determinado gênero, cor e sexo vai, artisticamente, se libertando sem que isso signifique tornar-se neutro. É um corpo que assume outra corporalidade, outro lugar no jogo dos corpos em movimento, e exprime um novo lugar do corpo da mulher negra na cena do palco, na cena da história, nas novas cenas que estão em disputa.

Resposta à Maria A. Soares

Andrea Mendes. Campinas, janeiro de 2018

SAUDADE

GILKA MACHADO

De quem é esta saudade
que meus silêncios invade,
que de tão longe me vem?

De quem é esta saudade,
de quem?

Aquelas mãos só carícias,
Aqueles olhos de apelo,
aqueles lábios-desejo...

E estes dedos engelhados,
e este olhar de vã procura,
e esta boca sem um beijo...

De quem é esta saudade
que sinto quando me vejo?

(in Velha poesia, 1965)

Despertar o **feminismo** foi só após passar a juventude vivendo todo tipo de violência. Mas despertei com toda a força, **hoje mulher preta, divorciada, mãe, retirante nordestina, professora, curadora, artista visual e militante do feminismo negro.**

Quando despertei, entendi que meu caminho precisava ser alterado, saí do comodismo e segui para a luta. Levantei graças à **arte**, aos **vários coletivos negros, feministas** e às incríveis companheiras que vieram antes, como bem coloca Maria A. Soares: “**unidas nos lancemos na luta**, procurando eliminar tudo quanto obstrua o caminho que há de conduzir-nos ao futuro ditoso, que tem sido o sonho mais doce da nossa vida”.

Assim fortalecida, surgiu como uma nova mulher, aquela que coloca seu corpo e seu trabalho como arma nas lutas contra todo tipo de aprisionamento e violações de direitos.

A arte foi a ferramenta escolhida, por ser sensível e política, por comunicar sem palavras, por possibilitar a crítica, a contestação de todas e todos, seja de seres oprimidos de uma sociedade, seja do povo contra arbitrariedades do Estado que o governa.

ARTIVISMO é o **meu trabalho vivo** para elevar a arte, em especial a arte feminista, negra e periférica.

Fazer **curadoria de exposições coletivas de artistas negras e negros, e performances sobre questões de raça, classe e gênero** são os principais trabalhos que tenho proposto. Seguramente me defino como uma **mulher transgressora** em busca de **uma real libertação da mulher** e de todas e todos que são oprimidos.

Há quatro anos venho me dedicando a **ações performáticas sobre feminicídio**, uma pesquisa dolorosa que se desdobrou na **performance *Cemitério de Mulheres***. O objetivo é chamar a atenção da sociedade para esse ato cruel, já que **aqui a violência e o abuso contra a mulher seguem naturalizados e colocam o Brasil no 5º lugar dos que mais matam mulheres.**

CHEGOU NOSSO CLUBE DE BENEFÍCIOS



INGRESSO EM MUSEUS 20% OFF!!
ENCONTRE SEUS ANTEPASSADOS
E SUAS PRODUÇÕES.
2X1 SE ACHAR ALGUM DELES
MUMIFICADO.



EMBARQUE PREFERENCIAL
E ACESSO SEGURO.
VIVA A EXPERIÊNCIA DAS ÚLTIMAS
PARANOIAS EM SEGURANÇA
AEROPORTUÁRIA.



WORKING HOLIDAYS!
SOME PONTOS E VÁ TRABALHAR
NO SEU PAÍS COLONIZADOR.
GANHE ATÉ 60% DE DESCONTO
NO SEU SALÁRIO POR IMPOSTOS
TRIBUTADOS.



-50%

EM HOSPEDAGEM
NO SEU PAÍS
COLONIZADOR

EM TROCA DE FORÇA DE TRABALHO NÃO REMUNERADA



ECOTURISMO NACIONAL.
VENHA CONHECER OS 5,5
MILHÕES DE HECTARES EM
MÃOS ESTRANGEIRAS.

SUJEITO À VONTADE DO FAZENDEIRO.



DESCONTOS EXCLUSIVOS
EM LIVRARIAS E CINEMAS:
A SUA PRÓPRIA HISTÓRIA
CONTADA POR OUTROS!
20% - 50% - 70%

USE O PROMOCODE
MESTIÇO2018
E RECEBÁ 30% OFF
EM TRÂMITES DE
NACIONALIDADE
E NATURALIZAÇÃO



COLONIZED PASS STORE.
PROMOÇÕES EM MATÉRIA-
PRIMA PATENTEADA PELOS
COLONIZADORES E
RECURSOS NATURAIS DA
SUA REGIÃO.

PROMOÇÕES DIÁRIAS

Fazendo o cadastro depois de 22/04/1500*, reconhecimento garantido e acesso
livre ao programa “Renomeie seu território”

Promoção válida em território brasileiro colonizado. Válido retroativamente desde o início do processo colonizatório. Cálculo de taxa de juros com base nos últimos 300 anos, sem contabilizar os 218 anteriores. Taxa de juros fixa 10% + devolução dos metais preciosos extraídos do território -Fórmula Económica Guaicaipuro Cuatémoc 2002-. Novos destinos: Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Granada, Jamaica, São Cristóvão e Nevis, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Ilhas Malvinas, Anguilla, Bermuda, Ilhas Virgens Britânicas, Ilhas Caimã, Monserrat, Ilhas Islas Turcas e Caicos, Geórgia do Sul e Sândwich do Sul (Reino Unido), Guadalupe, Martinica, Guiana Francesa, Ilha de Clipperton, São Pedro e Miquelão (França), Curaçao, Saint Martin, Bonaire, Saba, Santo Eustáquio (Países Baixos), e Porto Rico (USA). Benefícios exclusivos para migrantes, refugiadxs e mulheres. Cadastro, dúvidas e sugestões: colonizedpass@gmail.com. * Data oficial da chegada da frota comandada pelo português Pedro Álvares Cabral.

La Cucaracha



CATALINA GONZÁLEZ, FRAME DE VIDEO
CIRCUNVOLUCIONES, 2017



SOBRE SOSPECHAS

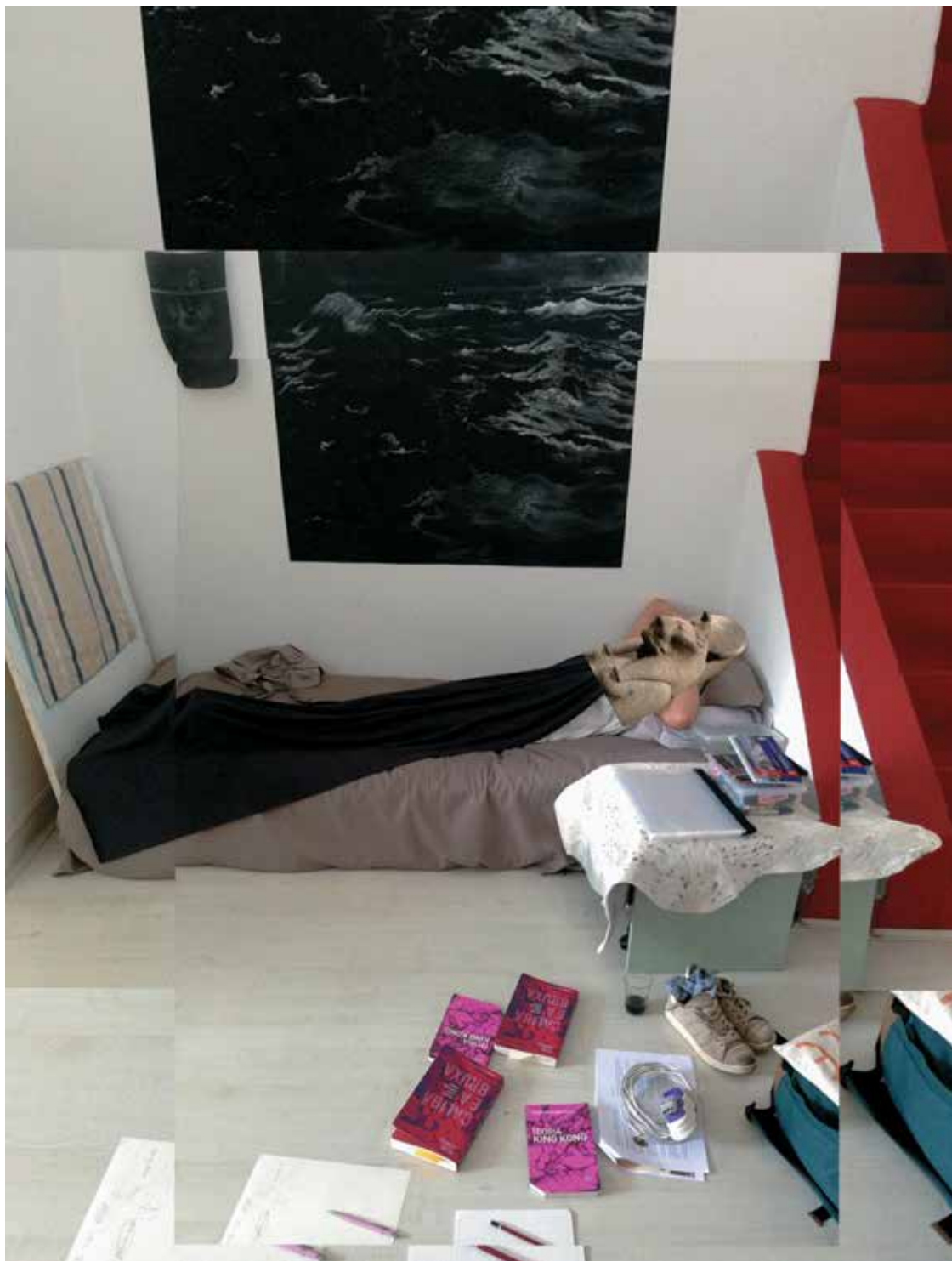
POR MANE ADARO

Por herencia, en muchos contextos el arte es una historia de privilegios y un tráfico del discurso colonial en la construcción de las “otras” y “otros. Es una zona que constantemente debería replegarse a procedimientos que anteponen la duda, la (auto) crítica y la confrontación al momento de plantear lo que termina por hacerse visible

en el juego de miradas. En *Ante la Imagen: pregunta formulada a los fines de una Historia del Arte*, D. Huberman reflexiona sobre la interpretación y el análisis de la Historia del Arte; promueve el acercamiento de la sospecha ante una historia que se nos muestra anticipada y clausurada.

Me gusta pensar en esta palabra “sospecha/sospechoso” y su poder de situarnos en el lugar de una “no verdad” exclusiva y en el de los (des)acomodos constantes; quizás como la única vía de privilegio frente a las estrategias totalitarias del mercado y ante la idea de una memoria agónica. A propósito, en el año 2017, tuve la oportunidad de conocer y curar la obra de artistas mujeres que vinculan a sus trabajos procesos de oralidad, escritura y acciones performativas, en un formato en que lo testimonial es una trama indiscutible ligada a una “verdad”. A una forma de documentación en la cual las “otras” entran en escena como un gesto estético de desenmascaramiento político, en este caso, de las memorias de mujeres chilenas que lucharon o desaparecieron durante la dictadura y la revelación de las condiciones actuales de estas memorias sumidas en olvidos y pactos. Tal es el caso del performance *Exceder el trazo que conserva tu memoria* (2015) de Senoritaugarte, en el cual se denuncia el estado actual de abandono del *Memorial a las Mujeres Víctimas de la Represión Política*, o la instalación *Escrituras* (2017) de Verónica Troncoso, que da cuenta por medio del texto escrito y la oralidad, de los cruces entre historia de mujeres ex presas políticas y el legado de los instructivos militantes de aquella época. Es decir, son desplazados de la memoria política, el lugar de la acción como algo exclusivo masculino. Igualmente, el video *Circunvoluciones* (2017) de Catalina González, realizado en la zona de Pisagua, norte de Chile, donde perseveran los rastros de una explotación mercantil, pero sobre todo, la latencia de una memoria de cárceles y desaparecidos en la época de la dictadura. El video exhibe un performance realizado por un grupo de mujeres ex presas políticas que bailan y efectúan un pequeño ejercicio de reconocimiento del territorio 43 años después. En sus cuerpos y ritualidades colectivas se desliza la historia, y sus figuras de presencias modificadoras relegan las marcas del tiempo de la muerte por otras lecturas de supervivencia y movilidad.

Los procesos de rápido consumo que los términos de moda imponen al arte, encuentran una resistencia cuando se piensa el qué decir y cómo. No se trataría sólo de señalar, construir o ensamblar ideas, sino de abrir resignificaciones políticas frente a las acciones totalitarias que imponen lo fijo, lo continuo y lo excluyente como pacto en sus particulares formas de clausura y silencio. Algo que estas obras a modo de gestos poéticos y políticos develan. Allí una suerte de privilegio.



G>E [grupo maior que eu) – é um grupo de estudos e pesquisas cujo principal interesse é como estar no mundo hoje. Investigamos como organizar os recursos, as práticas, os espaços, a produção material e a vida que partilhamos. Projetos e atividades podem ser iniciadas por qualquer participante.

As atividades em curso incluem um grupo de leitura de longa data; encontros públicos mensais com artistas que discutem os seus trabalhos e processos criativos; e encontros para produção material. Coordenado pela artista Karlla Giroto.

A gente nunca sabe direito onde ou como começou. Mas o fato é que em algum momento ouvimos algo do tipo: você é muito rebelde, você intimida as pessoas, você tem alguma coisa de estranho. Até então, a gente era só a gente mesmo, o que já é difícil de entender na adolescência. Mas tem um momento sutil, membranoso, em que torna evidente que somos um tipo de “mulher que intimida”. E dali pra frente, as coisas nunca mais serão as mesmas. Tudo passa a fazer parte desse roteiro. É uma performance programada e somos jogadas nesse play porque alguém tem que desenvolver este papel, o da “mulher que intimida”. Porque é preciso continuar existindo a “mulher que intimida” para legitimar e dar suporte à mulher meiga e delicada, sedutora, a “feita para casar”. Cada uma jogando os seus papéis, definidos por características pessoais que foram sendo apontadas sutilmente a fim de que estes papéis fossem corporificados e fizessem sentido – a ponto de nós mesmas acreditarmos neles, repetindo-os até sermos confundidas com eles.

Vim a descobrir depois que um papel é o pedaço do outro, são complementares na mesma estrutura que os fabricou. A “mulher que intimida” é o outro pedaço da performance “da mulher feita para casar”; ambas sofrem e são pressionadas por motivos diferentes. Aqui, interessa pensar no tipo de estrutura que fabricou esses papéis. E de quem essa estrutura está a serviço. Deixo estas perguntas sem resposta porque fiquei exausta, muito cansada 1. de ser eu mesma; 2. de ter sido categorizada; 3. de ser lembrada pelo mundo e pelo meu marido todo santo dia que sou uma “mulher que intimida”; 4. de ser esta mulher que intimida e que sabe respostas. Assim, preferi dormir, me fantasiar de duas deusas mágicas e maravilhosas do antigo Egito, a Bastet, deusa da fertilidade e protetora das mulheres, e a Sekhmet, deusa da guerra, da destruição e da cura. Se tem alguma resposta, está nelas.

Tilt test, tilt text

Uma amiga me contou que teve que fazer um tilt test. Eu nunca tinha ouvido falar neste exame, mas ele existe e é um exame complementar utilizado para diagnosticar a causa e definir o tratamento de pacientes com sintomas de tonturas e/ou desmaios.

Uma das patologias diagnosticadas pelo exame é a síncope neurocardiogênica, que é a principal causa de desmaios em pessoas sem doença cardíaca preexistente e que pode ser provocada, dentre outras formas, por “gatilhos”, tais como medo, emoção, dor intensa, visão de sangue, coleta de exames de sangue ou pequenas cirurgias.

Foi a palavra tilt rondando a nossa conversa que me levou a pensar no processo que se desencadeou com o nosso grupo a partir do convite do Jornal de Borda. A gente entrou em tilt. E a gente continua em tilt.

A Fernanda Grigolin enviou-nos o convite de fazer esta página do Borda mais a frase “re-conhecer os próprios privilégios é o primeiro passo para entender as desigualdades sociais e lutar contra elas” e alguns manuais em PDF de coachees de relacionamento. Basicamente, era um tema e uma provocação (somos um grupo composto majoritariamente por mulheres. Dos 13 integrantes, 3 homens e 10 mulheres).

Os manuais visam ensinar a mulheres coisas como atitudes para segurar o seu homem, regras para conquistar o homem da sua vida, performances de sedução e frases como “o que eu estou oferecendo aqui é uma oportunidade de empregar as melhores estratégias de relacionamento do mundo, para um uso diário e sutil”. Para nós, mulheres do grupo, aparentemente “baboseiras” de revistas femininas que conhecemos de cor porque entramos em contato à exaustão ao longo da vida. A gente desdenhou, a gente achou uma bobagem porque, imagine, nós, mulheres feministas e que forçamos um autoconhecimento exaustivo, nós não! A gente não tem nada a ver com estes PDFs, a gente é diferente (não por acaso, os homens do grupo, de alguma maneira, ficaram alheios ao processo todo e acabaram desistindo de participar).

Só que não. Aquilo que começou como uma aberração das “outras” passou a ser um exercício difícil, escancarado, intenso e assustador de como nós mesmas pertencemos ao modelo proposto por estes guias e manuais.

Fomos esgarçando a nossa realidade, confrontando os nossos próprios modelos, lembrando de mães e avós, de jeitos e trejeitos e de como tudo, absolutamente tudo, está atrelado a um modelo que escapa a qualquer uma de nós ao mesmo tempo que nos aprisiona.

Algo que já vinha se delineando em nossas pesquisas começou a fazer ainda mais sentido. Que aquilo que fazemos no dia a dia – no uso diário e sutil – ao desmoronar preconceitos, racismos, modelos falidos de mundos, ainda é pouco. Porque o que nos escapa e ao mesmo tempo nos aprisiona é um sistema de representação que não é visível tampouco tangível, trabalha com características próprias de sujeição e condicionamento, bem traiçoeiro.

Esse sistema de representação age para além de qualquer sintoma, ele é a liga imagética, transparente, insensível, incolor e inapreensível ao primeiro escrutínio. Não é possível falar de minorias sem falar de sistema de representação, da mesma maneira que não é possível se declarar não racista sabendo-se que todas as publicidades de xampu vistas ao longo da vida foram de mulheres brancas com cabelos lisos. Isso é o sistema de representação, algo que nos extrapola ao mesmo tempo que nos atravessa completamente. Pessoal e impessoal na mesma medida. É contra os sistemas de representação que devemos lutar. Esta é a luta invisível, que não tem nome nem jeito certo, porque é a luta onde o “outro” somos nós, é contra aquilo que nos está instalado e contra nós mesmas que devemos lutar.

A boa notícia talvez seja que, ao conspirarmos contra os sistemas de representação vigentes, distinguimos entre a nossa presença e aquilo que significamos para a representação a fim de jogar com isso. Jogar para continuar vivo. De modo que o que é representado exceda sempre a sua representação, que aquilo sobre o que o sistema pensa exercer algum poder possa lhe escapar sempre. Do ponto de vista da representação, a singularidade é como uma abstração, uma identidade vazia, não lhe serve, lhe escapa sempre.

Para a representação, permanecer em tilt – um glitch no mundo – pode significar o inapreensível, aquilo que não é possível ser capturado, catalogado, atravessado. Permanecemos em tilt, agora por escolha e modo de ação.

O que derivou deste tilt foram alguns relatos pessoais que atravessaram as mulheres do grupo neste período. Alguns em forma de texto, outro em forma de playlist, outro em fotografia.

Como é que eu vou fazer agora pra olhar pra você
Você que é dono do mundo
Eu já fiz de tudo por você

Já me quebrei
Já me destruí
Já desapareci

Eu achava que precisava de você para viver

Para ser alguém
Feliz

Mas nem sei mais quem eu era antes de te conhecer

Já erreí
Errei
Errei
Errei

Eu nunca vou poder errar na tua frente
Porque você quando olha pra mim
Só vê você

E você não pode errar jamais

Então você me coloca ali no canto
Para falhar

Eu falho por você
Eu canto pra você
Porque quando você me vê

Você só vê você

Daí você se sente o máximo porque alguma garotinha te desejou
Uma garotinha
Porque mulher que é mulher já não te deseja mais

O pano caiu
Você é um desastre
Mas eu resolvo assumir esse desastre
Pois não suporto ver você cair

Não suporto ver o mundo dos homens desmoronar

Agora

Como um pequeno homem
Que ainda não sabe que é homem
Pode se salvar?
Será que eu enquanto mãe posso ajudá-lo?
Como?
Não lavando tuas fraldas?



Para ouvir: <https://goo.gl/Py24yP>

playlist elaborada por uma das integrantes do G>E a partir dos tilts derivados pela proposta do Jornal de Borda. Contém músicas de vários autores e compositores.

UMA HOMENAGEM ÀS SENHORITAS POLACAS

POR MARCIO HARUM

*A rosa não se compara
a essa judia rara
criada no meu país
rosa de amor sem espinhos
diz que são meus carinhos
e eu sou um homem feliz*

“Judia rara” (samba, 1964), de
Jorge Faraj e Moreira da Silva

O desembarque no porto do Rio de Janeiro do primeiro grupo de judias forçosamente trazidas ao Brasil para o meretrício é datado de 1867. Chamadas de polacas, eram aliciadas nas cidades e aldeias pobres por volta de seus vinte anos de idade por uma rede criminosa internacional de lenocínio, a Zwi Migdal – organização judaica fundada em Varsóvia e atuante no tráfico de mulheres da região da Europa do leste para o continente americano entre 1860 e 1939. A partir de 1906, sua sede foi transferida a Buenos Aires sob o nome de Sociedad Israelita de Socorros Mutuos Varsovia, abriu filiais e passou a administrar desde lá também os diversos prostíbulos em Santos, São Paulo e Rio de Janeiro. Os portos de saída do Velho Mundo por onde frequentemente operava a Zwi Migdal eram os de Hamburgo, Antuérpia, Gênova e Marselha; e os do Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires como seus destinos na América do Sul. Não existe levantamento de quantas mulheres foram traficadas no período, há especulações de que tenham sido cerca de 1200 entradas de imigração de polacas por ano entre a Argentina e o Brasil.

Iludidas por proxenetas profissionais acerca de falsos casamentos, chances mentirosas de trabalho ou de ascensão socioeconômica, e até mesmo por vontade própria de se prostituírem, aquelas mulheres jovens realizavam o desejo de escapar da crescente perseguição antissemita, que se caracterizava por desapropriação de bens materiais, destruição de posses familiares e a violência letal dos *pogroms*. As difíceis condições de vida impostas aos judeus pelos impérios russo, prussiano e austro-húngaro no denominado *Pale of Settlement*, área entre fronteiras reservada para sua permanência temporária, e posteriormente com a crise da nova ordem política e territorial gerada pela Primeira Guerra Mundial e a revolução russa de 1917, fizeram com que em poucas décadas uma imensa massa humana se deslocasse em fluxo de imigração rumo à América.

Sem a aceitação no convívio social e religioso por parte da comunidade de imigrantes judeus de diversas nacionalidades e idiomas, prostitutas e caftens eram proibidos de frequentar sinagogas por seu envolvimento com a criminalidade, além da perda do direito ao sepultamento nos recém-fundados cemitérios israelitas argentinos e brasileiros de outrora. Assim, são criadas pelas polacas as pioneiras associações de apoio a essas mulheres solteiras ou casadas (com ou sem filhxs e netxs) no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Santos. Adquiriram então imóveis, estabeleceram pensões, ajudaram-se na pobreza, doença e velhice, tornaram acessível o contato com o rabino e construíram seus próprios campos-santos.

O Cemitério Israelita de Cubatão (1929-1967) foi erigido pela Associação Beneficente e Religiosa Israelita de Santos. Ocupa uma extensão de 800 metros quadrados com 75 lápides, quase todas elas de prostitutas e cafetinas de bordel, gigolôs e rufiões (55 de mulheres e 20 de homens). A mais antiga é datada de 1924, e a última de 1966. Processos similares ocasionaram-se tanto no Cemitério do Chora Menino na zona norte paulistana, quanto no Cemitério de Inhaúma, subúrbio da zona norte carioca. O Cemitério Israelita santista de 1919 foi transferido para o novo local em 1929-30. Um ex-distrito de Santos, com a emancipação política de Cubatão em 1949, a Refinaria Presidente Bernardes – Companhia de Petróleo – em 1950 comprou a específica área diretamente da empresa Light and Power Company Serviços de Eletricidade S/A. As remoções dos restos mortais ocorreram entre 1951 e 1952 para o terreno de agora, reconhecido antigamente como Sítio Cafezal.

A localização do Cemitério Israelita na atualidade encontra-se em uma ala separada dentro do Cemitério Municipal de Cubatão, junto à Serra do Mar, na Rua José Vicente, s/n, Jardim das Indústrias. O campo-santo foi desativado em 1991. Em absoluto estado de abandono, as sepulturas começaram a ser restauradas pela Associação Cemitério Israelita de São Paulo em 1996, e que ainda nos dias de hoje zela por sua manutenção, preservação e memória. Em 2010, o Condepac (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Cubatão) o tombou como o primeiro cemitério israelita do país com o status de patrimônio histórico.

REFERÊNCIAS

BEATRIZ KUSHINIR. *BAILE DE MÁSCARAS: MULHERES JUDIAS E A PROSTITUIÇÃO: AS POLACAS E SUAS ASSOCIAÇÕES DE AJUDA MÚTUA*. RIO DE JANEIRO: IMAGO, 1996. | EVANIA MARTINS ALVES. “O CEMITÉRIO ISRAELITA EM CUBATÃO: 1930 A 1967”. *JORNAL ELETRÔNICO NOVO MILÊNIO*, CUBATÃO, 2004. DISPONÍVEL EM: / WWW.NOVOMILENIO.INFO/BR/CUBATAO/CH054B.HTM. ACESSO EM: 15 NOV. 2017.



Ejecución de la instrucción *Esta cosa* (2012) de Kemang Wa Lehulere que propone: Ir a un supermercado, llenar un carro de productos, pasarlos a través de la caja registradora y una vez que todos los productos hayan sido escaneados y puestos en bolsas, retirarse del supermercado sin pagar, ni llevarse producto alguno, decir algo o mirar atrás. Realizado por participantes de un laboratorio en el MACMO en 2014. (+ Info Revista Museo Vol 1 Num 2: https://issuu.com/comunicacionmacmo/docs/revista_museo__2_web)

El Museo de Arte Contemporáneo de Montevideo (MACMO) es un espacio de ensayos de modelos, estrategias y formas de pensar en torno al arte contemporáneo. No tiene un espacio fijo sino que utiliza diferentes sitios para desarrollar actividades, investigando formas alternativas de institucionalidad.

www.macmo.uy

GOZO: DIREITOS E DEVERES

POR CARÓU OLIVEIRA

1. É direito de toda pessoa dizer não, a qualquer momento, sem necessidade prévia ou posterior de desculpar-se.
2. É direito de todo ser humano portador de um corpo usufruir dele tal qual deseje, sem interposições midiáticas, econômicas ou de moral alheia;
3. É direito de todo corpo ser desejado e desejar, segundo lhe aprouver;
4. É direito de toda pessoa aprender, experimentar e acompanhar as transformações em seu corpo e consciência, experiências sensíveis, sem barreiras econômicas;
5. É direito de todo corpo e consciência descobrir segundo suas maneiras e interesses, a seu tempo, as interações de si que lhe causem prazer;
6. É direito de toda pessoa portadora de um útero abortar, ou decidir sobre suas práticas de controle ou não de natalidade;
7. É direito de toda pessoa decidir-se por não gozar de seu corpo em sua totalidade ou especificidades, sem influência de moral externa ou condicionamentos religiosos ou econômicos;
8. É direito de todo corpo ter sua independência cognitiva em relação à razão reconhecida;
9. É dever de toda pessoa refletir sobre as práticas que lhe dão prazer, ter consciência de suas pulsões e das consequências destas;
10. É dever de todo corpo cuidar dos corpos que lhe deem prazer, o que inclui a si mesmo;
11. É dever de toda pessoa que use corpos de outrem para seu prazer fazê-lo de forma expressamente consensual, e garantir que – única forma possível – o consenso possa ser repensado a qualquer momento;
12. É dever de toda pessoa não condicionar sua felicidade, ou a felicidade de outrem, à saciedade dos desejos. Nenhum desejo deve ser saciado a qualquer custo;
13. É dever de todo corpo reconhecer que existem mais que apenas corpos.

Os direitos e deveres que aqui seguem listados nada têm a ver com convenções internacionais sobre jurisprudência. Não foram elaborados em cátedras, foram elaborados em várias camas. A autora entende que para que tais direitos sejam respeitados, e deveres seguidos, é necessária uma revolução, única forma possível de libertar o corpo das interpretações, funções e pulsões patriarcais capitalistas e cristãs. Da mesma forma, acredita que o respeito a tal estatuto também tem o poder de deflagrar uma revolução.

*A descolonialidade endossa a interculturalidade (conceptualizada por comunidades organizadas) e desliga-se do multiculturalismo (conceptualizado e implementado pelo Estado). O multiculturalismo promove a política de identidade, enquanto a interculturalidade estimula identidades transnacionais em política. O multiculturalismo é gerido pelo Estado e organizações não governamentais afiliadas, enquanto a interculturalidade é implementada por comunidades em processo de desligamento do imaginário do Estado e do multiculturalismo. A interculturalidade incentiva a recriação de identidades que foram negadas, ou ainda que inicialmente reconhecidas foram depois silenciadas pelo discurso da modernidade, pós-modernidade e agora altermodernidade. A interculturalidade é a celebração dos habitantes das ‘fronteiras’ por estarem juntos nas margens e além destas. A estética transmoderna descolonial é intercultural, interepistêmica, inter-política, interestética e interespiritual, mas sempre da perspectiva do Sul Global e da antiga Europa de Leste. Trecho do texto **Estética Descolonial**, que foi originalmente publicado no website do Transnational Decolonial Institute em 22 de Maio de 2011 e traduzido ao português pela contramaré.net. Assinam: Alanna Lockward, Rolando Vázquez, Teresa María Díaz Nerio, Marina Grzinic, Michelle Eistrup, Tanja Ostojic Dalida, María Benfield, Raúl Moarquech Ferrera Balanquet, Pedro Lasch, Nelson Maldonado Torres, Ovidiu Tichindeleanu, Miguel Rojas Sotelo e Walter Mignolo*

Resposta à Maria A. Soares

Camila Valones, entre Recife e São Paulo, janeiro de 2018

MARIA, passaram-se mais de cem anos, e a maioria de nós segue acreditando que pela força do voto conquistaremos algo de nossa emancipação. Paira grande dificuldade em reconhecer que, enquanto depender das forças governamentais estruturantes, a ausência da influência dessas sobre as definições que queremos para nossas vidas, não alcançaremos qualquer autonomia, e seguiremos atendendo a revisão oportuna do patriarcado que nos dá passagem – reflexo e conquista da luta construída e inscrita no tempo por nós –, levando-nos a assumir lugares de poder antes exclusivamente destinados aos homens, mas que, efetivamente, não rompem com a lógica colonial e patriarcal estabelecida.

Não criando assim alternativa real para nossa comunicação.

O que me leva a perguntar:

Por que ainda estamos buscando a legitimação daquilo que questionamos?

É necessário, urgentemente, reconhecer a força definitiva que representa sermos mais da metade da população, e de sermos, ainda, as que cuidamos da outra metade que não somos nós.

Teu presságio se confirma, e neste ponto estamos: as táticas cínicas intensificaram-se, e temos muito mais por propositivamente denunciar, exigir e promover.

Devemos nos posicionar em desobediência e informar e formar novos costumes diante dos costumes que desbotam o sumo da diversidade que somos.

Não há revolução sem incômodo. E é natural, social, a falta de recurso dos estruturalmente autorizados a falar que, diante de qualquer questionamento, assumem posição defensiva, incapaz da escuta, a qual nunca até o presente momento histórico, nessa medida que exigimos, precisaram praticar.

Não seremos tratadas como violentas aquelas que estão propondo rachaduras efetivas ao projeto colonial e patriarcal.

Estivemos impostas ao silêncio; aproveitemos o momento de encontro para debater as experiências que compartilhamos enquanto grupo social e, assim, construir estratégias para romper com ele.

Nomeemos as realidades e rompamos com a ficção democrática que há em negar as hierarquias instituídas.

Localizemo-nos como indivíduos além da noção do homem branco como ser universal em detrimento dos outros grupos como seres específicos.

É notável que muitas ainda se orientem nas bases eurocêtricas que querem determinar nossa existência política, econômica e social, que escraviza nosso trabalho emocional e nos usurpa nossa produção intelectual. Destituir tal compreensão é nossa tarefa então!

Que nossa proposta seja de rompimento com a voz única e de convivência entre vozes e saberes.

A revolução é doméstica, e agora.

Ha llegado a usted el privilegio de *poder decir*.

Haga uso de su privilegio completando el espacio en blanco.

Aquí no hay nada:
elverboextender.blogspot.com

*Sou AQUELA MULHER DO
CANTO ESQUERDO DO QUADRO*

SOY AQUELLA MUJER DEL EXTREMO IZQUIERDO DEL CUADRO

SIM, SOU EU. Lembro o ano, era 1923. Coloquei meu principal vestido e fui acompanhar o cortejo fúnebre em frente à fábrica. Todos estavam com suas melhores roupas, as crianças corriam por todos os lados. O Chefe da Fiação estava lado a lado do Feitor. Todos perto de mim pareciam em festa, pouco choro. Pra gente, era muito mais um dia de feriado que de dor. Nami Jafet tinha morrido, final de ano. Não me lembro muito bem do que ele morreu. Faz tanto tempo. O que lembro mesmo é que eles abriram as portas da mansão, e alguns de nós acompanhamos o velório bem de perto. O Zé, meu falecido, foi. Ele queria ver de perto o dinheiro todo em mármore e as escadas desenhadas. Eu me neguei a entrar. Casa grande pra pouca gente nunca me fez bem.

As ruas de baixo e de cima do Ipiranga estavam lotadas de bandeiras. O meu vizinho aproveitou o terno do casamento dele, uma semana antes, colocou e saiu pelo bairro. Uma moça que trabalhava comigo na Fiação vestiu a mesma roupa que usou no Natal, ela me confidenciou.

Carros e cavalos passavam. Homens fotografavam e filmavam. Um estava bem ao meu lado. Eu olhei algumas vezes para ele. Ele é algum parente seu? Como conseguiu essa foto? Lembro tanto desse vestido xadrez. Eu costurei, usei o mesmo tecido feito na fábrica, era o único pano que eu conseguia comprar na época.

O enterro do Jafet foi muito diferente do Martínez, seis anos antes. Você nunca ouviu falar do Martínez!? Nessa história eu não saí em foto de perto, mas vivi muito mais aquele momento. Era 1917, o Martinez tinha sido gravemente ferido em frente ao Mariângela e logo morreu. As ruas do Brás tomadas pela cavalaria que vinha sem dó para cima das pessoas; crianças e mulheres sendo arrastadas. Alguns tiros, eu escutei. Uma menina bem pequena morreu no mesmo dia. Acho que ela se chamava Eduarda. No dia 11 de julho, todos nós vestíamos preto, éramos muitas mulheres, as bandeiras eram simples, cortamos tecidos pretos e vermelhos que tínhamos em casa. Empunhávamos, gritávamos. A morte de Martínez não era aceita, ele era nosso camarada de luta. A cidade ocupada, a vida em suspensão. Queríamos o melhor para todos.

O ENTERRO DO INFORTUNADO MARTÍNEZ

Foi uma homenagem sem igual a que os grevistas de São Paulo renderam ao inditoso companheiro Martínez, a primeira victima da sanha policiesca.

O préstito, que as autoridades pretenderam desviar do centro da cidade, atravessou as ruas principaes antes de se dirigir ao cemitério do Araçá, onde o corpo do infeliz operário foi inhumado.

Não só o enterro não se effectuou no cemitério da 4ª Parada, como era desejo da polícia, mas ainda a enorme massa que formava o cortejo seguiu por onde muito bem quis, contra a vontade expressa dos mandões que não estimavam ouvir na própria cara e perto do seu antro as verbementes acusações das turbas, repletas de justificada revolta.

Assim, foram tomadas de ponta a ponta, pela multidão as ruas 15 de Novembro e São Bento, onde os aristocratas vendilhões exercitam o seu lucrativo commercio.

A Plebe, 21 de julho de 1917

Antes de trabalhar no Jafet eu passei por outras Fiações. Crespi foi uma delas. O lugar era inóspito, tínhamos medo da forma de agir dos Mestres, mas isso não impediu a greve.

As trabalhadoras eram muito ativas. Eu as admirava. Como podiam, tão pequenas e mirradas, enfrentar assim a todos! A Teca era minha amiga, foi parteira do meu primeiro filho. E logo depois que ele cresceu, ela arrumou uma vaga na Escola que ela organizava com outros anarquistas. Meninos e meninas estudavam juntos. Meu menino aprendeu a ler rapidinho.

Era muito difícil o trabalho noturno. Matilde uma vez me contou que uma companheira foi cercada por quatro ou cinco Mestres, ela foi estuprada ali no meio de todo mundo. Nunca mais a viram. Depois souberam que ela se matou, de vergonha, de nojo. Eu te conto que as mulheres anarquistas discutiam tanto sobre isso, sobre o assédio e sobre a violência contra a mulher. Denunciavam. Gritavam. Tinham reuniões na casa da Família Soares, ali na Rua da Mooca. Elas falavam que a saída era a nossa emancipação.

CENTRO FEMININO DE JOVENS IDEALISTAS

Considerando que a emancipação da mulher constitui uma necessidade para a liberdade dos povos e que essa emancipação só se conseguirá mediante instrução racional e científica e pela luta consciente, em prol dos seus direitos e reivindicações, este centro propõe:

- 1º - Reunir em seu seio o maior número possível de pessoas do sexo feminino.
- 2º - Manter as mais estreitas e amistosas relações com todas as pessoas que tenham aspirações de liberdade e com as Instituições cujos fins tendam à emancipação da humanidade.
- 3º - Trabalhar no sentido de instruir e educar as mulheres, para, assim, elevar-lhes o caráter e torná-las aptas a conquistar sua emancipação. Para este fim empregará os seguintes meios:
 - a) Criar escolas gratuitas para jovens meninas que desejam instruir-se.
 - b) Fundar bibliotecas, editar publicações de propaganda de educação e regeneração social.
 - c) Organizar conferências, festivais, instrutivos e recreativos, etc.
- 4º - Combater todos os males sociais, assim como as causas que os originam, e aderir a todas as iniciativas que tiverem esse fim.

Maria A. Soares
O Grito Operário, 6 de março de 1915

Saí da Mooca e fui morar no Ipiranga. Minha prima do interior pagava à prestação um terreno onde hoje é a rua do Manifesto. Isso, a rua do Clube mesmo. Você conhece aqui, hein. Minha casa foi tomando forma aos poucos, gosto de lembrar da frente que eu enchi de rosas, eram quatro metros de frente, tomados de rosas vermelhas. Não tinha nada na redondeza quando chegamos, nada por lá, puro mato, depois foram construídas outras casas perto dela e a gente chamava aquilo de Vila Amarela. O Feitor ia para os interiores em busca de pessoas para trabalharem para os Jafet. Eu consegui um terreninho do lado da casa de minha prima. Que alegria! As crianças dela e as minhas brincavam no mesmo espaço.

Que!? Não sei, não, o nome do Feitor. Era um cara carrancudo que cuidava das mais de trezentas casas que os Jafet construíram. Ele administrava o dinheiro das prestações, éramos retirados das casas por ele se houvesse muito atraso. Vi, claro que vi, eu já vi família inteira sendo despejada como um nada. Como também vi operário sendo morto na porta da Fábrica... Não é fácil, não. Mas em que mundo você vive pra fazer essas perguntas pra mim? Você deve ser bem-nascida pra não perceber que isso segue até hoje, com outra cara, em outros bairros, mas do mesmo jeito.

Quando cheguei aqui descobri que no Jafet também teve greve em 1917, foi logo depois da greve no Crespi, e uma amiga disse: “Não comente com o Chefe da Fiação que você era amiga das grevistas da Mooca, nem que seu filho estudou na escola deles. Isso pode te trazer muitos problemas, você pode perder o emprego e, pior, pode até ser presa”.



Cerca de 400 operários do Cotonofício Crespi entraram em greve no dia 9 de junho de 1917, pedindo:

- a abolição do aumento do horário noturno ocorrido naqueles meses;
- um aumento de 15 a 20 % no salário;
- a abolição das contribuições para o Comitê Italiano Pró-Pátria.

A situação se precipitou a partir do momento em que a greve iniciada na Crespi se estendeu, no dia 29 de junho, a todos os 1.500 operários da fábrica e foi logo seguida (em 30 de junho) pela greve na grande fábrica têxtil Ipiranga, de Nami Jafet, envolvendo mais de 1.600 operários que pediam uma série de aumentos em torno de 20% e, em caso de trabalho noturno, de 25%. — **Luigi Biondi**



Tive medo. Eu guardava uma bandeira em cima do guarda-roupa, que usei na caminhada para o Araçá. Resolvi jogar fora. Não deveria ter ficado com medo, muito menos ter jogado nada fora, mas na hora eu só pensava no temor de aqueles homens violentos descobrirem que eu tinha a bandeira e tinha escrito um dos manifestos... Sim, pode ser covardia ter omitido meu passado, mas eu estava muito frágil, o Zé precisava trabalhar e eu também. Um primo nosso ficou preso anos e anos, saiu da cadeia e teve que abrir uma sapataria dele. Ninguém dava emprego para ex-grevista. Todo mundo tinha medo, era uma campanha contra a gente. Você não imagina, menina, deve ter nascido em berço de ouro mesmo. Sabe o que é lutar, lutar e lutar, e nada? Assim foi. Hoje tenho uma conclusão: se a gente tivesse se unido, se os simpatizantes tivessem seguido, se ninguém tivesse acreditado na difamação e na destruição dos espaços, tudo teria sido diferente.



De São Paulo não sairão mais guerras civis anárquicas, e sim “uma revolução intelectual e científica” suscetível de mudar as concepções econômicas e sociais dos brasileiros. — **Sérgio Milliet**



Falar mais sobre a Greve de 1917!? Você é filha de algum figurão? É jornalista? Não gosto de jornalista, não! Ah, artista, como o Volpi? O Volpi era do bairro vizinho, Cambuci. Tá certo, vamos falar da Greve. Olha este papel aqui: lindo, não!?

AOS SOLDADOS

Soldados! Não deveis perseguir os vossos irmãos de miséria. Vós, também, sois da grande massa popular, e, se hoje vestis a farda, voltareis a ser amanhã os camponeses que cultivam a terra, ou os operários explorados das fábricas e oficinas.

A fome reina em nossos lares, e os nossos filhos nos pedem pão! Os perniciosos patrões contam, para sufocar as nossas reclamações, com as armas de que vos armaram, ó soldados.

Essas armas eles vo-las deram para garantir o seu direito de esfomear o povo.

Mas, soldados, não façaes o jogo dos grandes industriaes que não têm pátria.

Lembraí-vos que o soldado do Brazil sempre se opoz à tyrania e ao assassinato das liberdades.

O soldado brasileiro recusou-se no Rio, em 81, a atirar sobre o povo quando protestava contra o imposto do vintém e, até o dia 13 de maio de 1888, recusou-se a ir contra os escravos que se rebelavam, fugindo ao cativeiro!

Que bello exemplo a imitar!

Não vos presteis, soldados, a servir de instrumento da opressão dos Matarazzos, Crespi, Gamba, Hoffman, etc., os capitalistas que levam a fome ao lar dos pobres, e gastam os milhões mal adquiridos e que esbanjam com as cocotes.

Soldados!

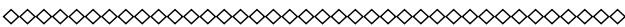
Cumpri o vosso dever de homens! Os grevistas são vossos irmãos na miséria e no sofrimento; os grevistas morrem de fome, ao passo que os patrões morrem de indigestão!

Soldados! Recusai-vos ao papel de carrascos!

São Paulo, junho de 1917
UM GRUPO DE MULHERES GREVISTAS

No Brás, existia uma tipografia bem pequena, jornais e panfletos saíam de lá. Fomos em quatro ou cinco de nós escrever o texto. Foram perto dos dias que entramos em greve no Crespi, em junho. Depois o texto saiu na *Plebe*. Os jornais, as revistas e outros papéis, eu não joguei fora, guardei nesta caixa bem escondida, não tive coragem de dar fim. Isso foi algo acertado, pude agora olhar tudo que guardei e contar para vocês.

Na mesma *Plebe* há mais coisa sobre a Greve se espalhando pela cidade, pelo interior. Ela se alastrou para a capital também, para o Rio de Janeiro.



No dia 14 realizou-se a reunião convocada pela Federação Operária do Rio de Janeiro para deliberar sobre a atitude que o operariado daquela Capital deveria tomar diante da greve geral de S. Paulo.

Falaram diversos oradores que, em discursos veementes, verberaram a brutalidade da polícia paulista. Todos os oradores declararam-se francamente solidários com os seus companheiros paredistas desta cidade.

Foi aprovada a seguinte moção:

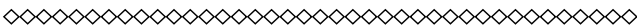
“A Federação Operária do Rio de Janeiro, orgam intérprete e fiel das Associações Operárias que a compõem, primeiro hypotheca franca adesão e completa solidariedade ao operariado de São Paulo, ora em greve, e louva e admira a heroicidade da sua ação na luta travada contra a classe patronal, obrigando-a a recuar e ceder os seus propósitos de insaciável exploração; segundo, faz ardentes votos pelo triumpho integral da greve em que se empenharam aquelles irmãos em sofrimentos, que, à custa do próprio sangue, estão fazendo valer as reivindicações proletárias; terceiro, protesta tornar effectivo o apoio que lhe merece o movimento paulistano, logo que assim seja necessário.

Resolve ainda telegrafar a todas as associações federadas ou não federadas, dos Estados, de acordo com o movimento iniciado no Estado de São Paulo.”

No dia 15, domingo, à tarde, realizou-se um grande comício na praça Marechal Floriano, em frente ao Theatro Municipal.

Fizeram-se ouvir vários oradores, sendo sugerida a ideia da greve geral no Rio, como o mais vivo sinal de solidariedade aos trabalhadores de São Paulo.

A Plebe, 21 de julho de 1917



A Greve deu força para tanta coisa depois. Em 1919, registraram no cartório a Liga Operária do Ypiranga, que funcionava bem pertinho da Fiação. Era um lugar de encontro e de discussão também. Ela durou pouco, alguns anos. As ligas passaram a ser ilegais e foram fechadas pela polícia. E, uns vinte anos depois, criaram um tal de Círculo Operário do Ypiranga, esse tinha apoio do Getúlio, e também dos Jafet. O lugar era mais para resolver problemas e dar assistência hospitalar e educacional com base católica do que para discutir formas de viver.

O Ipiranga era de fácil acesso. Mesmo para quem não morasse aqui, pegava-se o Bonde Fábrica e chegava rapidinho. Naquela época, eu tinha uma vantagem: a casa era perto da Fábrica e perto da Escolinha. Eu saía da Vila Ama-

rela, deixava minha menina na creche e só cruzava pra esquerda e já entrava na Fiação. Era um mundo de gente, acho que 4 mil funcionários, algo assim. Lá se fiava, tecia, estampava. Tinha gente que passava a vida lá trabalhando...

Comecei a trabalhar com doze anos, sempre em Tecelagem. Eu era tão pequena que subia numa caixa de cebola para alcançar a espolinha. Havia outras crianças, trabalhávamos doze, catorze horas. Lembro-me de um menino que era tão espoleta, ele se chamava Manoel, que teve uns dois ou três salários com muito desconto. Era quase uma estrutura militar, não podíamos sair do nosso posto, tudo virava multa ou desconto.

Eu ia muito ao Teatro, muitas operárias também eram atrizes. A Angelina lá da Mooca era bordadeira, escrevia muitos textos, ela e a irmã Antônia, e as duas também eram atrizes. A peça do Primeiro de Maio ficou muito conhecida. Fui a uma encenação. Não, não eram só elas de mulheres. Éramos muitas...Elas davam palestra também. Algumas vezes eu ia às reuniões para ouvir a Maria Lacerda de Moura falar.



Essa mesma mulher que reparte altas somas para a construção de igrejas ou “creches” religiosas explora, torpemente, os criados, a cozinheira, a lavadeira, a costureirinha contratada para trabalhar em sua casa, horas e horas, sob o olhar impertinente da mundana ociosa, da criatura virtuosíssima que, pelas colunas da imprensa, espalma as mãos dadivosas consolando os infelizes, os mal instalados na vida... Dá por um chapéu, por uma pluma, um brinco, um vestido de baile, um leque, uma sombrinha, uma joia, por qualquer fantasia, somas fabulosas, inacreditáveis, entretanto, exerce pressão vergonhosa sobre a sua bordadeira que lhe cobra uma miséria por qualquer trabalho feito com sacrifício inaudito, em horas triturantes de agonia, à noite, depois de exausta do trabalho diário do atelier – no qual também já lhe tiraram gotas de sangue, na amargura da exploração pelo salário quotidiano. — **Maria Lacerda de Moura**



Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro *me acompanha desde 2015 e seguirá comigo até 2020. Ela já esteve em Arquivo 17: www.tendadelivros.org/arquivo17 e estará sendo construída em: <http://tendadelivros.org/aquelaMulher/>*

Fernanda Grigolin

Si, soy yo. Recuerdo el año, era 1923. Me puse mi vestido mejor y salí a acompañar el cortejo fúnebre frente a la fábrica. Todos estaban con sus mejores ropas, los niños corrían por todos lados. El Jefe de la Hilandería estaba al lado del Mayoral. No me acuerdo muy bien de qué murió. Hace tanto tiempo. Lo que recuerdo es que abrieron las puertas de la mansión, y algunos de nosotros acompañamos el velorio muy de cerca. Zé, mi difunto, se fue. Él quería ver de cerca todo el dinero en el mármol y en las escaleras dibujadas. Me negué a entrar. Casa grande donde viven pocas personas nunca me hizo bien.

Las calles de abajo y de arriba de Ipiranga estaban llenas de banderas. Mi vecino aprovechó el traje de su matrimonio, una semana antes, se lo puso y salió por el barrio. Una muchacha que trabajaba conmigo en la Hilandería llevó la misma ropa que se puso en Navidad, me confió.

Coches y caballos pasaban. Los hombres fotografiaban y filmaban. Uno de ellos estaba a mi lado. Lo miré algunas veces. ¿Es algún pariente suyo? ¿Cómo has logrado esa foto? Me acuerdo tanto de ese vestido a cuadros. Yo misma lo cosí, usé la propia tela hecha en la fábrica, era el único paño que me podía comprar en aquella época.

El entierro del Jafet fue muy diferente al de Martínez, seis años antes. Nunca has oído hablar de Martínez!?. En esa historia no salí en una foto tomada de cerca, pero viví mucho más ese momento. Era 1917, había sido gravemente herido frente al Mariângela y luego murió. Las calles del Brás tomadas por la caballería que se abalanzaba sin piedad sobre las personas; niños y mujeres eran arrastrados. Algunos disparos, escuché. Una niña muy pequeña murió el mismo día. Creo que ella se llamaba Eduarda. El día 11 de julio, todos nosotros llevábamos ropa negra, éramos muchas, las banderas eran sencillas, cortamos las telas negras y rojas que teníamos en casa. Las empuñábamos, gritábamos. La muerte de Martínez no fue aceptada, él era nuestro camarada y compañero de lucha. La ciudad ocupada, la vida en suspenso. Queríamos lo mejor para todos.

EL ENTIERRO DEL DESAFORTUNADO MARTÍNEZ

Fue un homenaje sin igual que los huelguistas de São Paulo rindieron al desdichado compañero Martínez, la primera víctima de la saña policiaca. La procesión, que las autoridades intentaron desviar del centro de la ciudad, atravesó las calles principales antes de dirigirse al cementerio del Araçá, donde el cuerpo del infeliz obrero fue inhumado. No sólo el entierro no se realizó en el cementerio de la 4ª Parada, como era el deseo de la policía, pero además la enorme masa que formaba el cortejo siguió por donde le dió gana, contra la voluntad de los mandones que no esperaban llevar en la cara y cerca de su antro las acusaciones verbales de las turbas, tomadas por una rebeldía justificada. Así, fueron tomadas de extremo a extremo por la multitud las calles 15 de Noviembre y São Bento, donde los aristócratas mercaderes ejercen un rentable comercio.

A Plebe, 21 de julio de 1917

Antes de trabajar en Jafet pasé por otras Hilanderías. Crespi fue una de ellas. El lugar era inhóspito, teníamos miedo de la manera de proceder de los Maestros, pero eso no impidió la huelga.

Las trabajadoras eran muy activas. Yo las admiraba. ¡Cómo podían, tan pequeñas y esmirriadas, hacer frente así a todos! Teca era mi amiga, fue matrona en el parto de mi primer hijo. Y poco después que él creció, ella le consiguió una plaza en la Escuela que dirigía con otros anarquistas. Los niños y las niñas estudiaban juntos. Mi niño aprendió a leer rápidamente.

Era muy difícil el trabajo nocturno. Matilde una vez me contó que una compañera fue rodeada por cuatro o cinco Maestros, ella fue violada allí en medio a toda la gente. Nunca más la vieron. Después supieron que ella se mató, de vergüenza, de asco. Yo te digo que las mujeres anarquistas discutían tanto sobre ello, sobre el acoso y sobre la violencia contra la mujer. Denunciaban. Gritaban. Realizaban reuniones en la casa de la Familia Soares, allí en la calle de la Mooca. Ellas decían que la salida era nuestra emancipación.

CENTRO FEMENINO DE JÓVENES IDEALISTAS

Considerando que la emancipación de la mujer constituye una necesidad para la libertad de los pueblos y que esa emancipación solo se conseguirá mediante instrucción racional y científica y a través de la lucha consciente en pro de sus derechos y reclamaciones, este centro propone:

- 1º - Reunir en su seno el mayor número posible de personas del sexo femenino.
- 2º - Mantener las más estrechas y amistosas relaciones con todas las personas que tengan aspiraciones de libertad y con las instituciones cuyos fines tiendan a la emancipación de la humanidad.
- 3º - Trabajar para instruir y educar a las mujeres, y así elevarles el espíritu y hacerlas aptas para conquistar su emancipación. Para ello, empleará los siguientes medios:
 - a) Crear escuelas gratuitas para niñas que deseen instruirse.
 - b) Fundar bibliotecas, editar publicaciones de propaganda de educación y regeneración social.
 - c) Organizar conferencias, festivales, instructivos y recreativos, etc.
- 4º - Combatir todos los males sociales, así como las causas que los generan, y adherirse a todas las iniciativas que tengan ese objetivo.

Maria A. Soares
O Grito Operário, 6 de marzo de 1915

Salí de Mooca y fui a vivir en Ipiranga. Mi prima del interior pagaba la hipoteca de un terreno donde hoy está ubicada la calle del Manifiesto.

Eso, la calle del mismo Club. Conoces todo aquí, ¿eh? Mi casa fue tomando forma poco a poco, me gusta recordar la delantera que he llenado de rosas, eran cuatro metros de frente, colmados de rosas rojas. No había nada en los alrededores cuando llegamos, nada allí, puro matorral, después se construyeron otras casas cerca de ella y llamábamos a todo aquello de “Villa Amarilla”. El Mayoral iba al interior a buscar personas para trabajar para los Jafet. Yo conseguí un terrenito al lado de la casa de mi prima. ¡Qué alegría! Sus niños y los míos jugaban en el mismo espacio.

¿Qué!? No sé, no, el nombre del Mayoral. Era un tipo cascarrabias que cuidaba de las más de trescientas casas que los Jafet construyeron. Él administraba el dinero de las prestaciones, nos desahuciaba de las casas si hubiera mucho retraso en el pago. Vi, claro que vi, yo ya vi a una familia entera siendo desahuciada como si nada. Como también vi un obrero muerto en la puerta de la Fábrica...No, no es fácil. ¿Pero en qué mundo vives para hacerme este tipo de preguntas? Debes ser bien nacida para no darte cuenta de que eso sigue hasta la fecha, con otra cara, en otros barrios, pero de la misma manera.

Cuando llegué aquí descubrí que en el Jafet también hubo huelga en 1917, fue inmediatamente después de la huelga en el Crespi, y una amiga dijo: “No comentes con el Jefe de la Hilandería que eras amiga de las huelguistas de la Mooca, ni que tu hijo estudió en su escuela. Esto te puede traer muchos problemas, puedes perder el empleo y, aún peor, te pueden detener”.

Unos 400 obreros del Cotonificio Crespi entraron en huelga el 9 de junio de 1917, y piden:

- la abolición del aumento del recargo nocturno que tuvo lugar aquellos meses;
- aumento de un 15 a 20% en el salario;
- la abolición de las contribuciones para el Comité Italiano Pro-Patria.

La situación se precipitó a partir del momento en que la huelga iniciada en la Crespi se extendió el 29 de junio a todos los 1.500 obreros de la fábrica, a la que inmediatamente siguió (el 30 de junio) la huelga de la gran fábrica textil Ipiranga, de Nami Jafet, involucrando a más de 1.600 obreros que pedían una serie de aumentos en torno a un 20% y, en caso de trabajo nocturno, a un 25%. — **Luigi Biondi**

Tuve miedo. Sobre el armario yo guardaba una bandera que usé en la marcha hacia el Araçá. Decidí tirarla a la basura. No debería haber tenido miedo, y menos aún echar algo a la basura, pero en ese momento solo pensaba en el temor de que aquellos hombres violentos pudiesen descubrir que yo tenía la bandera y que había escrito uno de los manifiestos... Sí, puede ser cobardía haber omitido mi pasado, pero yo estaba muy frágil, Zé necesitaba trabajar y yo también. Un primo nuestro estuvo en la cárcel años y años, salió de la allí y tuvo que abrir una zapatería. Nadie daba empleo a un ex-huelguista. Todo el mundo tenía miedo, era una campaña contra nosotros. No te imaginas, niña, debes haber nacido en cuna de oro realmente. ¿Sabes qué es luchar, luchar y

luchar, y nada? Así fue. Hoy llego a una conclusión: si la gente se hubiera unido, si los simpatizantes hubieran seguido, si nadie hubiera creído en la difamación y en la destrucción de los espacios, habría sido otro el caso.

De São Paulo no saldrán más guerras civiles anárquicas, sino “una revolución intelectual y científica” capaz de cambiar los conceptos económicos y sociales de los brasileños. — **Sérgio Milliet**

¿Hablar más sobre la huelga de 1917!? ¿Eres hija de algún mandamás? ¿Eres periodista? ¡No me gustan los periodistas, para nada! ¿Ah, artista, como Volpi? Volpi era del barrio vecino, Cambuci. - Sí, vamos a hablar de la huelga. Mira este papel aquí: precioso, no!?

A LOS SOLDADOS

¡Soldados! No debéis perseguir a vuestros hermanos de miseria. Vosotros también sois de la gran masa popular, y si hoy lleváis el uniforme, volveréis a ser mañana los campesinos que cultivan la tierra, o los obreros explotados de las fábricas y talleres.

¡El hambre reina en nuestros hogares, y nuestros hijos nos piden pan! Los perniciosos patrones cuentan, para sofocar nuestras quejas, con las armas con las que os armaron, oh soldados.

Estas armas os dieron para garantizar su derecho a hambrear al pueblo. Pero, soldados, no hagáis el juego de las grandes industrias que no tienen patria.

Recordad que el soldado de Brasil siempre se opuso a la tiranía y al asesinato de las libertades.

El soldado brasileño se rehusó en Río, en 81, a disparar sobre el pueblo cuando éste protestaba contra el impuesto del veinte y, hasta el día 13 de mayo de 1888, se negó a ir contra los esclavos que se revelaban, huyendo de su cautiverio!

¡Qué bello ejemplo a imitar!

No os ofrezcáis, soldados, a servir como instrumento de opresión para los Matarazzos, Crespi, Gamba, Hoffman, etc., los capitalistas que llevan el hambre al hogar de los pobres, y gastan los millones mal adquiridos y que despilfarran con las cocottes.

Soldados!

¡Cumplid vuestro deber de hombres! Los huelguistas son vuestros hermanos en la miseria y en el sufrimiento; los huelguistas mueren de hambre, mientras que los patrones mueren de indigestión!

¡Soldados! ¡Rehusad el papel de verdugos!

São Paulo, junio de 1917
UN GRUPO DE MUJERES HUELGUISTAS

En el mismo *A Plebe* hay más cosas sobre la Huelga que se extiende por la ciudad, por el interior. Se extendió hacia la capital también, hacia Río de Janeiro.

Hablaron varios oradores que, en discursos vehementes, verbalizaron la brutalidad de la policía paulista. Todos los oradores se declararon francamente solidarios con sus compañeros reclamantes de esta ciudad.

“La Federación Obrera de Río de Janeiro, organismo intérprete y fiel de las Asociaciones Obreras que lo componen, primeramente asegura franco apoyo y completa solidaridad a la clase obrera de São Paulo, ahora en huelga, alaba y admira la heroicidad de su acción en la lucha emprendida contra la clase patronal, obligándola a retroceder y a renunciar a sus propósitos de insaciable explotación; segundo, hace vehementes votos por el triunfo de la huelga en que se empeñaron aquellos hermanos en sufriendo y que, a costa de su propia sangre, hacen valer las reclamaciones proletarias; tercero, protesta hacer efectivo el apoyo que merece el movimiento paulistano, tan pronto como sea necesario.

El día 15, domingo por la tarde, se efectuó un gran mitin en la plaza Marechal Floriano, frente al Teatro Municipal.

A Plebe, 21 de julio de 1917

Yo iba al teatro muy a menudo, muchas obreras también eran actrices. Angelina de la Mooca era bordadora, escribía muchos textos, ella y su hermana Antonia, las dos también eran actrices. La pieza del Primero de Mayo se hizo muy conocida. Fui a una función. No, no eran solo ellas de mujeres. Éramos muchas...Ellas daban una charla también. Algunas veces yo iba a las reuniones para escuchar a Maria Lacerda de Moura hablar.



Fernanda Grigolin

O enterro do infortunado Martinez

Foi uma homenagem sem igual a que os grévistas de São Paulo renderam ao inditoso companheiro Martinez, a primeira vítima da sanha policíesca.

O prestito, que as autoridades pretenderam desviar do centro da cidade, aproveitou-se das principais ruas para conduzir o comitêrio do Aracy, onde o corpo do infeliz operário foi inhumado.

Não só o enterro não se effectuou no cemitério da 4.ª Parada, como era desejo da policia, mas ainda a enorme massa que formava o cortejo seguiu por onde muito bem quiz, contra a vontade expressa dos mandões que não estimavam ouvir na propria cara e perto do seu antro as veementes accusações das turbas, repletas de justificada revolta.

Assim, foram tomadas, de ponta a ponta, pela multidão as ruas 15 de Novembro e São Bento, onde os aristocraticos vendilhões exercitam o seu lucrativo commercio.



O appello aos soldados

No inicio do movimento foi distribuido pela cidade o seguinte boletim:

AOS SOLDADOS!

Soldados! não deveis perseguir os nossos irmãos de miseria. Vós, também, sois da grande massa popular, e, si hoje vestis a farda, voltareis a ser amanhã os camponeses que cultivam a terra, ou os operarios explorados das fabricas e officinas.

A fome reina nos nossos lares, e os nossos filhos nos pedem pão! Os perniciosos patrões contam, para soffocar as nossas reclamações, com as armas de que vos armaram, oh! soldados.

Essas armas elles vol-as deram para garantir o seu direito de esfomear o povo.

Mas, soldados, não façaes o jogo dos grandes industriaes que não têm patria.

Lembraí-vos que o soldado do Brazil sempre se oppoz á tyrannia e ao assassinato das liberdades.

O soldado brasileiro recusou-se no Rio, em 81, a atirar sobre o povo quando protestava contra o

imposto do vintem, e, até o dia 13 de Maio de 1888 recusou-se a ir contra os escravos que se rebellavam, fugindo ao captiveiro!

Que bello exemplo a imitar!

Não vos presteis, soldados, a servir de instrumento de oppressão dos Matarazzo, Crespi, Gamba, Hoffmann, etc. os capitalistas que levam a fome ao lado dos pobres, e gastam os milhões mal adquiridos e que esbanjam com as «cocottes».

Soldados!

Cumpri o vosso dever de homens! Os grevistas são vossos irmãos na miseria e no sofrimento; os grevistas morrem de fome, ao passo que os patrões morrem de indigestão!

Soldados! Recusai-vos ao papel de carrascos!

S. Paulo, Junho de 1917.

UM GRUPO DE MULHERES GREVISTAS.



Las primeras máquinas de la revolución industrial no fueron ni la máquina de vapor, ni la imprenta, ni la guillotina, sino el trabajador esclavo de la plantación, la trabajadora sexual y reproductiva y el animal. Las primeras máquinas de la revolución industrial fueron máquinas vivas. El humanismo inventa otro cuerpo al que llama humano: un cuerpo soberano, blanco, heterosexual, sano, seminal. Un cuerpo estratificado y lleno de órganos, lleno de capital, cuyos gestos están cronometrados y cuyos deseos son el efecto de una tecnología necropolítica del placer. Libertad, fraternidad, igualdad. El animalismo desvela las raíces coloniales y patriarcales de los principios universales del humanismo europeo. El régimen de la esclavitud y después el del salario aparecen como el fundamento de la “libertad” de los hombres modernos; la guerra, la competencia y la rivalidad son los operadores de la fraternidad; y la expropiación y la segmentación de la vida y del conocimiento el reverso de la igualdad. — Beatriz Preciado

RECONHECER, ENTENDER E LUTAR

POR ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA

Sou homem em uma sociedade machista e patriarcal, branco em uma sociedade racista, heterossexual em uma sociedade homofóbica.

Digo para minhas filhas (Dani, 33 anos; Bel, 25; e Alice, catorze) que, desde os cinco anos, minha família tem casa própria, ainda que humilde, na periferia, em frente a um córrego fedido e a poucos metros de uma favela, e isso é também um privilégio.

Ao longo de minha vida adulta, que se iniciou aos dezessete anos, quando me casei, tive pouca necessidade de pagar aluguel, entre outros gastos, o que me facilitou algumas coisas, por exemplo fazer um curso universitário.

Apesar de ter ocorrido uma ligeira melhora, ainda é pequeno o número de pessoas que fazem um curso universitário no Brasil; entre essas, a maioria é de brancos e brancas e, nas universidades públicas, a maioria são jovens vindos das camadas sociais mais privilegiadas.

Não faço a minhas filhas o discurso da meritocracia, esse parte do princípio de que somos iguais, conquistamos por mérito, esforço e trabalho. A meritocracia não reconhece os privilégios, fonte das injustiças, pretende nivelar por baixo sem reconhecer e aceitar as diferenças sociais.

Na escola estadual onde trabalho, os e as jovens me perguntam como posso ter tantas tatuagens e o que isso dificulta. Respondo que sou um homem de meia-idade, tenho cara de “tiozinho” e por isso sou menos parado pela polícia. Explico que não faço parte do grupo de risco, jovens negros pobres, moradores das periferias entre catorze e 25 anos de idade, os que mais são presos e assassinados, principalmente pela polícia.

Nem sempre foi assim: quando jovem e punk, eu era revistado pela polícia praticamente todo dia, constrangimento invariavelmente acompanhado de ofensas, tapas na cara, chutes, socos e pontapés. Porém, nem de perto experimentava as dificuldades de meus colegas negros, punks ou não.

Reconhecer meus privilégios contribui para entender como fui beneficiado pelos mesmos, esses fui descobrindo ao longo da vida, outros talvez ainda nem reconheça. Assim afirmo, porque somos frutos de uma educação em uma sociedade, e essa não privilegia o reconhecimento desses privilégios, fonte das desigualdades. Fôssemos educados de forma diferente, provavelmente não teríamos tantos privilégios nem desigualdades.

Lutar para superar tais privilégios é também lutar por formas de vivências educacionais diferentes das que temos hoje.

Aceitemos como fato que somos todos educadores e educadoras, independente da formação formal. Que essa educação acontece do nosso nascimento até o nosso falecimento. Em todos os espaços por onde passamos, seja na família, na escola, nos locais de moradia, trabalho, lazer e cultura.

Essa educação precisa ser crítico-reflexiva, partir de pressupostos da investigação e pesquisa. É necessário estimular a liberdade com responsabilidade, a solidariedade e o apoio mútuo, formas mais horizontais de organização familiar e social, construídas de baixo para cima, do simples para o composto. Grupos organizados em redes, federações locais que agreguem grupos com diferentes finalidades, que buscam criar outras federações, primeiro nos bairros, dessas nas cidades, depois no estado até o nível nacional e internacional.

Ter como meta uma sociedade cujo poder seja coletivo, social e socialista libertário e também na qual todos os bens e riquezas sejam coletivos e que busquemos exercer de forma respeitosa e solidária o máximo de liberdade.

Esses princípios são as bases para a organização do Centro de Cultura Social (CCS/SP) e do Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldeghe (Nelca/Guarujá), por exemplo. São grupos que faço parte, mas posso citar outros também, como, a Biblioteca Terra Livre/SP e a Casa da Lagartixa Preta (Santo André/SP)

Precisamos lutar para nos organizarmos e nos organizarmos para lutar. Cotidianizar a revolução para revolucionar o cotidiano.

PARE ESCUTE-ME ESPANTE-SE APLAUDA-ME SIGA

SEM TÍTULO, 2018
THIAGO R.

(GUICHÊ DE ACHADOS E PERDIDOS
LÍVIA AQUINO

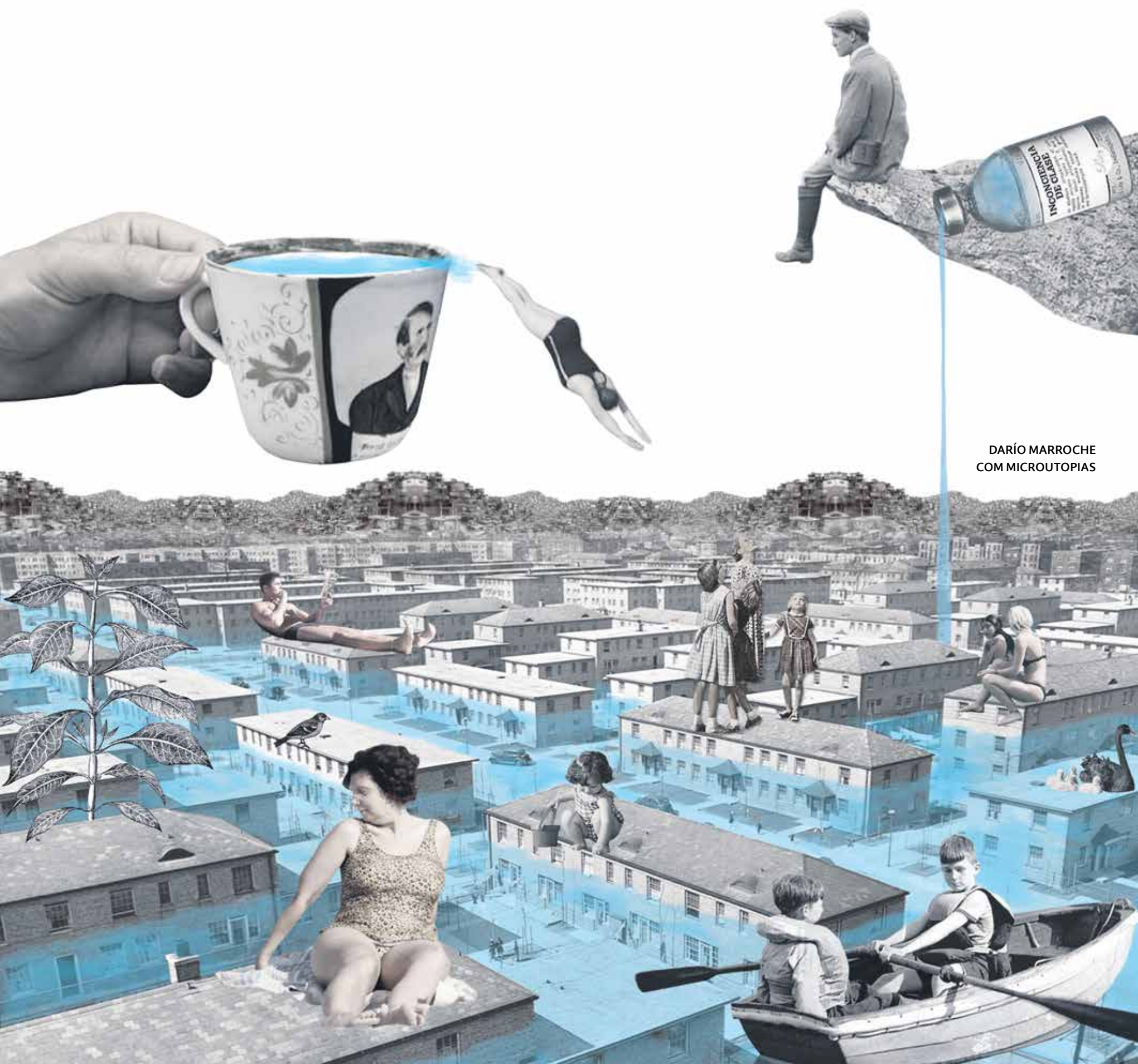
PRECONCEITO

Frases retiradas de relatos que refletem intolerância e discriminação em referência a diversas condições. Caso você já tenha falado alguma delas, reflita a respeito e procure ajuda. Caso já tenha ouvido, reaja questionando o seu interlocutor.

A coisa está preta // A única coisa que mulher sabe pilotar bem é o fogão // Adoção é para famílias de homem e mulher // Amanhã é dia de branco // Amo os homossexuais assim como amo os bandidos // Antes ser pegador do que ser veado // Aparelho excretor não reproduz // As mulheres podem ter tudo? // Batom vermelho é coisa de vagabunda // Com esse cabelo curto você parece uma sapata // Como foi sair do armário e ter que contar para sua família que você é gay? // Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem // E como é essa coisa de ser gay? // É melhor você chamar um homem para te ajudar com isso // Ela é brava assim porque é mal-amada // Ela tem cara de empregada // Ele é um negro de alma branca // Ele tem jeito de favelado // Essa roupa não é muito moderna para você? // Está nervosa porque está na TPM? // Está parecendo um mendigo // Estou com inveja branca // Eu acho um absurdo ter beijo gay na novela, tem crianças assistindo // Eu até já peguei uma pretinha // Eu também tenho amigos negros // Eu e minhas amigas fazendo #gordice // Eu não tive filho homem para ser veado // Eu posso falar que não gosto de gay, é minha liberdade de expressão // Eu sou branco e também sou racista, me chamam de branquelo // Hoje tudo é racismo // Já vi muitos homossexuais se regenerarem // Mas como vocês vão contar para o seu filho que são gays? // Me empresta o lápis cor de pele? // Mesmo sendo negra, ela é linda // Meu tataravô até era preto // Mulher com mulher não faz filho // Mulher que diz “não” para mim está só se fazendo de difícil // Mulheres são muito emotivas, por isso perdem a razão mais facilmente // Nada contra veado, mas não vem pra cima de mim // Não seja tão mandona // Não sou como as tuas negas // Não tem problema a mulher trabalhar fora, desde que não atrapalhe a casa // Não use essa roupa na escola porque vai distrair os meninos // Negros são os piores racistas // Nem parece que você teve um filho // Nem todo branco é racista // No fundo toda mulher gosta de um cafajeste // O que você estava vestindo aquela noite? // Os meninos adoram videogames // Por que não tem dia da consciência humana? // Por que você escolheu ser gay? // Por que você está tão histérica? // Por que você não penteia o cabelo? // Por que você não quer ter filhos, não tem medo de se sentir incompleta? // Por que vocês odeiam brancos? // Prefiro que meu filho seja macho // Quanto você bebeu naquela noite? // Que loba, saindo com um cara mais novo // Que serviço de preto! // Se ela não quer sair comigo é porque é feia // Se quiser ter filho, vai ter que fazer, nada de adotar // Se um casal homossexual vier morar do meu lado, vai desvalorizar a minha casa // Se você se esforçasse, ficaria linda // Sempre madrinha, nunca noiva // Sempre quis saber como é uma negra na cama // Seu relógio biológico está apitando // Só queria te elogiar // Sua determinação é um pouco intimidadora // Tem veado que precisa levar porrada para falar como homem // Uma mulher só fica completa quando casa e tem filhos // Veado bom é veado morto! // Vira homem! // Você acha que tem preconceito contra preto no Brasil? // Você até que é bem inteligente para uma mulher // Você come muito para uma menina // Você deve estar naqueles dias // Você deveria se sentir agradecida por aquela cantada // Você deve ter sido linda quando era mais nova // Você é feminista? // Você é linda de rosto // Você é muito bonita para ser lésbica, é um desperdício // Você já ficou com um cara para ter certeza que é de mulher que você gosta? // Você já pensou em ser passista de escola de samba? // Você não dá pinta de ser gay, sabia? // Você não tem medo de andar de mãos dadas com uma mulher? // Você não vai usar o sobrenome do seu marido? // Você precisa depilar as axilas // Você pretende trabalhar depois que o bebê nascer? // Você se sente realizada sendo uma dona de casa? // Você tem sorte de ser negro, nem precisa estudar para passar no vestibular // Você vai dar trabalho para o seu pai quando for mais velha // Você vai deixar outra pessoa criar seus filhos para trabalhar? // Você viaja sozinha? // Vocês nunca serão respeitadas sendo tão agressivas.

De los pobres sabemos todo: en qué no trabajan, qué no comen, cuánto no pesan, cuánto no miden, qué no tienen, qué no piensan, qué no votan, qué no creen... Solo nos falta saber por qué los pobres son pobres... ¿Será porque su desnudez nos viste y su hambre nos da de comer?

Los Hijos de los Días, Eduardo Galeano.



DARÍO MARROCHE
COM MICROUTOPIAS



GORDORIDAD

POR JAEI CAIERO & INMENSIDADES

Cuando conocí a Rocío pegaba sus fotos en la pared de una casa en San Cristóbal. Una gorda hermosa, concentrada, magnética. Yo había ido a leer mis textos. Me acuerdo que en sus fotos aparecía alguien que conocía de internet; una chica lánguida posando en una terraza, con esos ojos tristes de los que combinan perfecto con el ruido del film y su sensación nostálgica. A pesar de mi dificultad para hablar con gente desconocida me acerqué, le compré unos stickers y le dije que quizás podría posar para ella si quería. Cuando veo a otra gorda intento hablarle. En ese momento yo había empezado a preguntarme por qué siempre era la única gorda o una de las pocas gordas en lecturas, recitales, exposiciones. Me gustó la crudeza que había en las fotos de Rocío. Apenas las vi pensé en Nan Goldin.

En un punto ella es como Nan Goldin pero mejor, porque según descubrimos ese día, vivíamos a diez minutos de distancia. El siguiente recuerdo que tengo de Rocío es estar las dos sentadas en un colchón en el piso de mi casa, mirando mis fanzines. Tenemos que editarlos en un libro, me dijo. Y lo hicimos. Antes hicimos una fiesta para la que nos pusimos como meta trabajar y presentar dichos trabajos sobre nuestra gordura. Ella una serie de fotos, yo un documental. Teníamos reuniones con otr_s

gord_s y progresivamente comencé a experimentar un alivio que no había conocido hasta esos momentos. Claro, las experiencias de mi cuerpo no

son sólo mías, ¿cómo había ignorado esto durante tanto tiempo?

Desde que conocí a Rocío me di cuenta que no estaba sola en mi sentir. Empecé a intentar pisar más fuerte, morder más vorazmente y ocupar espacio desde mi suavidad. Hicimos varias fiestas de gordas cis y trans lesbianas bisexuales personas no binarias mutantes e indefinibles, editamos fanzines, viajamos, sacamos fotos, hicimos videos, nos entrevistaron, cocinamos, nos presentamos gente, nos postulamos a concursos que no ganamos, lloramos, nos abrazamos, montamos muestras, dimos un taller, construimos una fanzinoteca, planeamos, nos criticamos, trabajamos, bailamos, nos quedamos varadas en otra provincia, compartimos trenes, té, conversaciones, chocolates, cervezas, papeles de carta, stickers, camas y ropas.

Cuando conocí a Rocío nos empezamos a llevar mutuamente por un camino donde nuestra gordura se hizo política: nuestros cuerpos abrazados se volvieron una resistencia-refugio ante un mundo que quiere que no existamos. Junto a ella y otr_s encontramos palabras para nombrarnos. Juntas encontramos en nuestro hacer la posibilidad de construir imágenes del mundo que deseamos y en el que algunas veces, cuando las muchas y muy diversas policías duermen o miran para otro lado, vivimos.

Resposta à Maria A. Soares

Jully Vasconcelos, Guarujá, janeiro de 2018

Se me ocurrió publicar un periódico del mismo modo que se me hubiera ocurrido hacer cualquier otra cosa. Los periódicos se llaman de algún modo; el mío se llamaría VESPER. ¡Vésper! la estrella de mis recuerdos ... Y tendría un lema; esto era ya más serio, el lema debía decirlo todo. Pensé mucho para reducir a dos palabras aquel mundo de cosas que yo quería; la reducción estuvo hecha en quince días, y Las enormidades de mis pensamientos juntas, apretadas en el tormento de la condensación, se redujeron a estas mínimas proporciones: ¡JUSTICIA Y LIBERTAD! así, con admiración y todo. Esa bellísima quimera fue el lema de Vésper ... Y el periódico se publicó con gran regocijo del impresor que en muy poco tiempo se había Llevado todos mis ahorros... — Juana Belén, 1901

Nós nos encontramos num processo de lutas nesse despertar **feminino** e, ainda, distantes de alcançar uma sociedade realmente igualitária. As lutas de classes, de gênero, de raça, contra a exploração humana e animal, têm sido fundamentais nessa construção, não sendo indissociáveis umas das outras, pois, no meu entendimento, elas se complementam.

As mulheres são desde sempre culpabilizadas socialmente quando se trata de agressões e/ou abusos. Entretanto, a sociedade que condena estas mulheres é a mesma que julga e frequenta os prostíbulos, que hipersexualiza crianças e adolescentes através da mídia, que coloca mulheres negras nuas como atrativo nos carnavais, estimulando o turismo sexual, é a mesma que apoia a maioria penal e vibra ao ouvir falar em pena de morte.

As religiões têm seu quinhão nessa socialização, são **pérfidas** para com as pessoas, buscando seres obedientes que sigam combatendo à ferro e fogo tudo o que eles consideram sujo, pecaminoso e **contra sua moral religiosa**. E, de acordo com essa moral, este é o papel da mulher: o da servidão eterna a um deus, à igreja e ao marido.

Felizmente, o FEMINISMO tem ganhado espaço na mídia e muito se ouve falar em **empoderamento feminino, libertação sexual** etc.

Mas, infelizmente, esse feminismo midiático, de internet, de maior aceitação social, não tem uma postura crítica em **relação ao poder: não quer destruí-lo** ou descentralizá-lo, quer tomá-lo para si. Não deseja abolir o patronato, quer comandar, inserindo mulheres em partidos políticos, em multinacionais e **torná-las chefes capitalistas**. Não pratica horizontalidade, almeja a superioridade; nada mais obediente e subserviente ao sistema!

Atuo no Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri – Nelca (Guarujá/SP), onde, junto com outras companheiras, realizamos, entre várias atividades, o Grupo de Estudos Periódicos Anarcofeminista, que é permanente e exclusivo para **MULHERES (cis e trans)**. Entendemos a necessidade da educação e do fortalecimento individual e coletivo como chave para a **libertação feminina**.

EMANCIPAÇÃO essa que será conquistada por nós mesmas através da nossa luta. **Sem exclusão, sem favoritismo.** Por isso **precisamos nos unir por uma sociedade de fato igualitária, justa,** onde não haja exploradores, nem explorados. **Por uma resistência anarcofeminista!!!**

INTERJECCIONES SUR, ACCIONAR DESDE LAS FRONTERAS

POR ANDREA BELTRAMO

Abrir una convocatoria y hacer una selección de obras es una práctica común en la organización de proyectos expositivos y es también una cuota de poder. Desde 2016 integro, junto a María Cordero y Dani Spadotto, el equipo de *Interjecciones SUR* [geografías de las violencias] (<http://cargocollective.com/interjeccionesSUR>) una plataforma expositiva que tuvo varias ediciones en España, Brasil y Argentina.

Las interjecciones son una clase de palabras que no constituyen una parte de la oración y que expresan un sentimiento vivo. No son léxica ni gramaticalmente organizadas, pertenecen al uso común y a actos cotidianos de comunicación. Por esa situación fronteriza entre el sentir y el saber es que elegimos llamar así a nuestro proyecto. La referencia al SUR reclama una forma propia de expresar y presentar narrativas de las violencias en nuestros territorios enmarcadas en la relación desigual del binomio Norte-Sur, binomio que contiene la asimetría de un orden que responde a un patrón de poder que instauró la conquista de América y sigue vigente en el racismo, la subordinación de género, el control de los recursos, las fronteras, el trabajo y la explotación latifundista de la tierra. Sabemos que no responde a un orden estrictamente geográfico, sino a un orden colonial, de la geopolítica colonizadora en la cual la dominación se fortalece con el colonialismo interno.

La propuesta reivindica la importancia de las cartografías afectivas como posibilidad para trazar otros diálogos ante la burocratización de la vida. Sin embargo, muchos fueron los desafíos al establecer las pautas de acción en un modo transfronterizo. Como es propio de la contemporaneidad, los actores culturales de un equipo de trabajo acumulan una gran cantidad de funciones que recaen en pocas personas. Durante estos dos años surgieron tensiones y conflictos de acuerdo con el grado de proximidad. Por un lado, están las relaciones establecidas con otras personas en tanto agentes culturales y artistas cercanas al grupo organizador; y, por otro, aquellas relaciones enfocadas en buscar espacios e instituciones para realizar cada edición con acceso o no a financiamiento. Tensiones difíciles de evitar como informalidad/formalidad, afectivo/burocrático, colaboración/prestación de servicio, autofinanciamiento/financiación institucional, prácticas pos o decoloniales/prácticas neoliberales, horizontalidad/jerarquía, etc. Y resuenan las preguntas: ¿de qué forma atraviesa nuestras prácticas la aceptación institucional?; ¿hasta dónde es posible extender la autonomía sin poner en riesgo los vínculos colectivos?; ¿cómo lidiar con las diferencias entre nuestros privilegios en el acceso a los recursos y los que se desencadenan de la trayectoria misma del proyecto?

(ORILHA
RAQUEL STOLF

engolir a sala

indiegese,

síndrome da voz perdida.

em algum lugar, ela/ele escavou um movimento oscilatório de pulso e se enrolou como uma espécie de caracol desmembrado.

 *a língua-lesma parou.*

uma dobra de sombra veio junto com a mudança de temperatura. a poça baixa alagou a sala exposta.

sala de estar, borda de estar, estar na borda.

sala de estar, horda de estar, estar na horda.

sola de estar, saga de estar, estar na sola.

orla de estar, órfã de estar, estar na orla.

salda de estar, osga de estar, estar na solda.

saga de estar, safra de estar, estar na sanga.

samba de estar, sanja de estar, estar na sanha.

selva de estar, sova de estar, estar na selva.

sesta de estar, sonda de estar, estar na sonda.

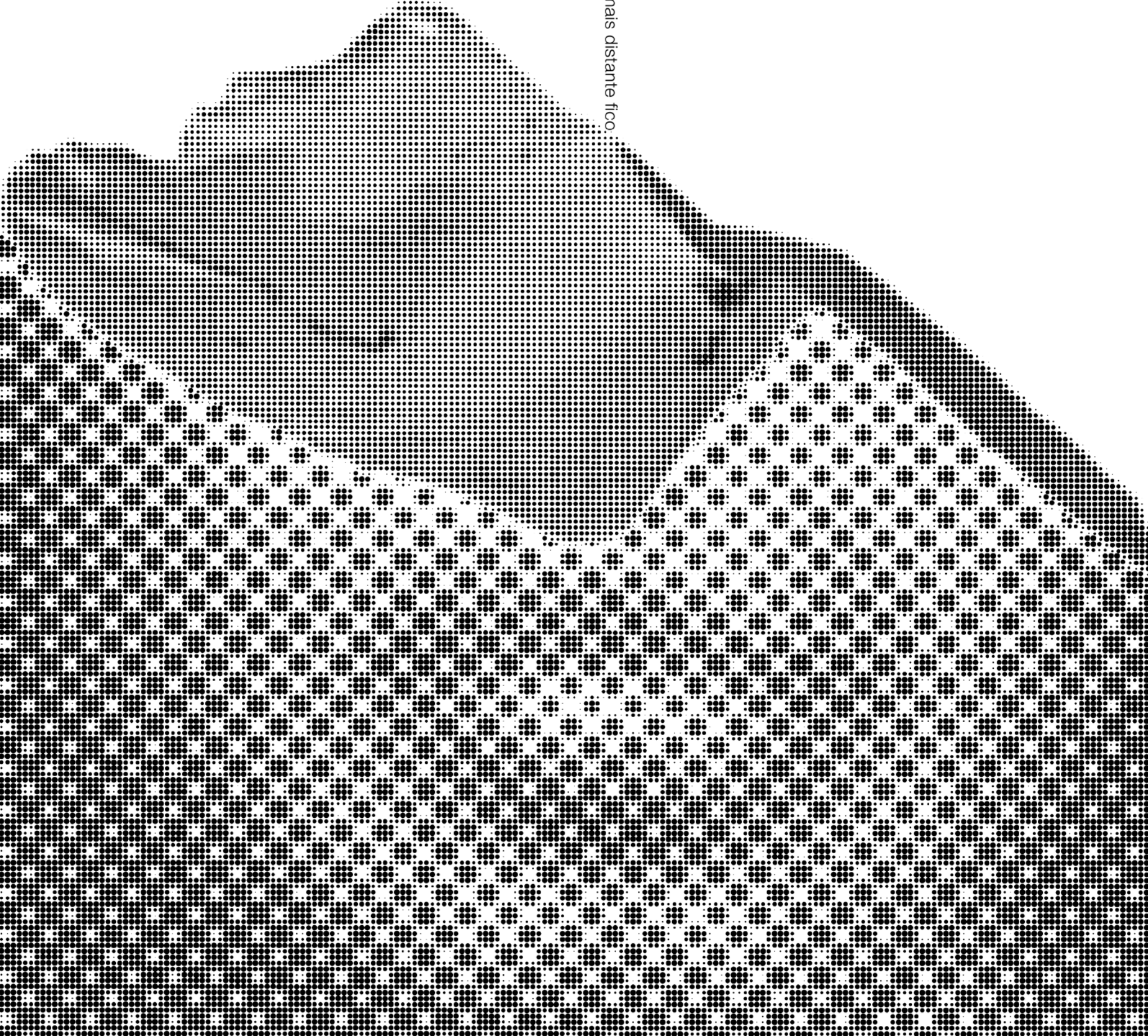
vocabulário incompleto

indiegese * indigestão de espaço e tempo; síndrome * conjunto de sinais e sintomas pressentidos e sem causa/casa; voz * coisa esguia, fala-fluxo ou vulto de uma presença, de um peso e/ou de um pensamento; língua-lesma * algo de linguagem e de corpo, ao mesmo tempo (sombra ou sobra amolecida); borda * situação trampolim, situação penhasco/abismo, situação pontiaguda, como os arredores centrífugos ou os arredores centrípetos; horda * bando que não se consegue domesticar ou amansar (mas que pode estar manso por escolha própria, sem se submeter a algo); sola * assoalho plano na extremidade do corpo, da casa, de um objeto, do desejo ou da possibilidade/impossibilidade; saga * acontecimentos com muitos incidentes, que podem ser contados, cantados, assobiados, esquecidos, amortecidos ou estilizados; orla * margem de erro e/ou de acerto no alvo que escapa; salda * ajuste de sal, limite ou algo que vingou, resistiu; osga * aversão entranhada, asco flexível; solda * aderência, cicatriz ou ponto em comum entre dois ou mais corpos, pedaços de coisas, situações ou atmosferas; safra * colheita de soldas; sanga * a boca de uma armadilha (ou estar com uma armadilha na boca), uma escavação, tanque, lagoa ou uma quebra curvada; sanja * incisão por onde algo pode escapar, golpe súbito ou sarjeta por/para onde escorre a água e o próprio chão; sanha * loucura, sangue, baba, palavra viscosa e incontrolável; selva * mato, floresta, multidão; sova * uso diário, mansidão, amassamento, trituração; sesta * repouso; sonda * fundo, autoinvestigação ou perfuração invisível.

DE ONDE A VISTA ALCANÇA
DANILO PERILLO

quanto mais me aproximo

mais distante fico.



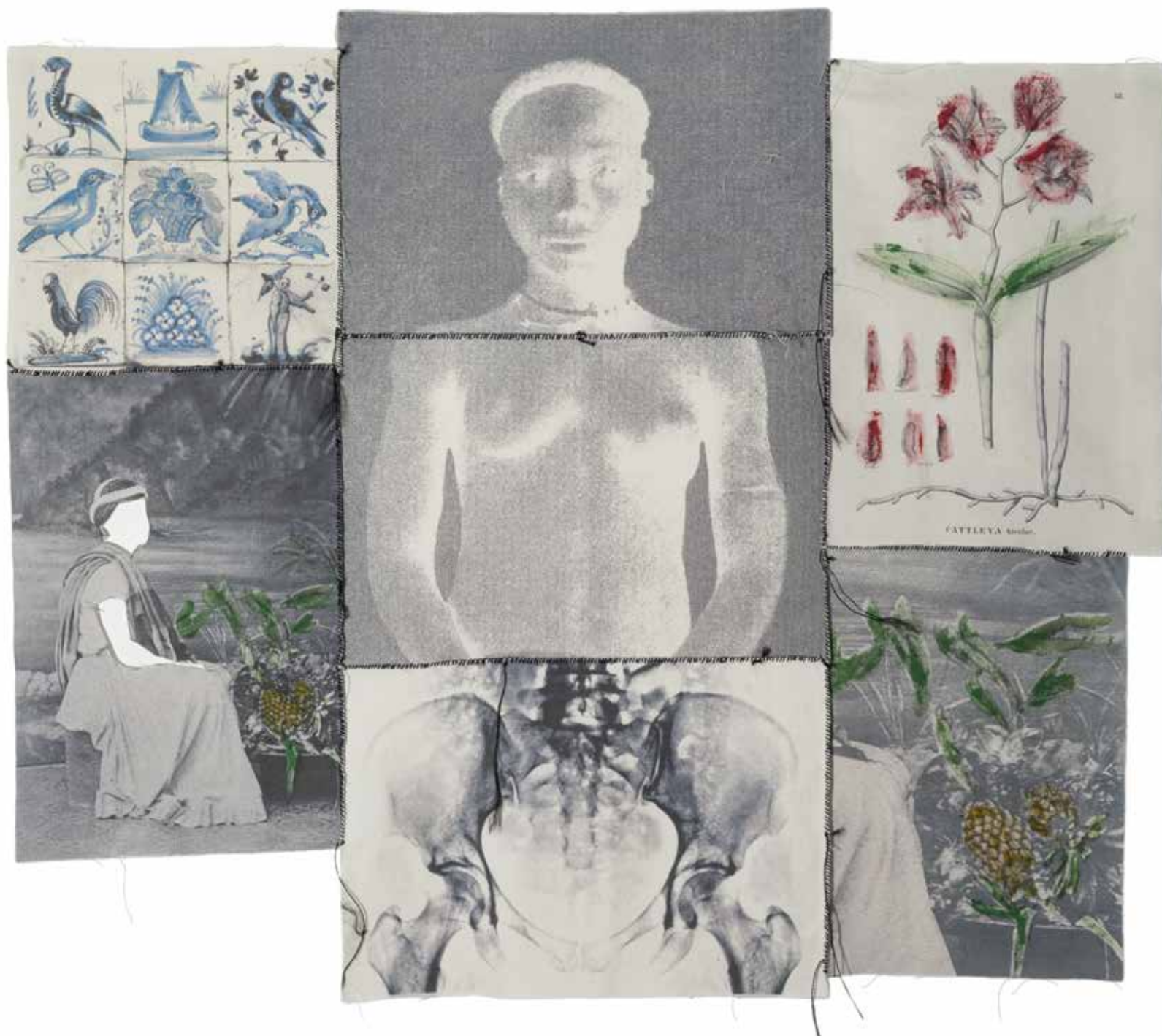
Perflar O Uso Dos Pronomes Oblíquos Átonos Inerentes Aos Direitos De Certos Cargos E Funções De Manifestar-Se Como Pronomes Demonstrativos Usados Para Iniciar Um Discurso Acerca Da Conjuntura Da Comunhão Tem Por Distração Demonstrar Por Outros Pronomes As Discrepâncias Ocorridas Nos Instrumentos De Medida De Coordenações Adversativas Em Tapar Com Luto Ou Argamassa As Terceiras Pessoas¹ .

A sentença acima é igualmente variável à última sentença abaixo:

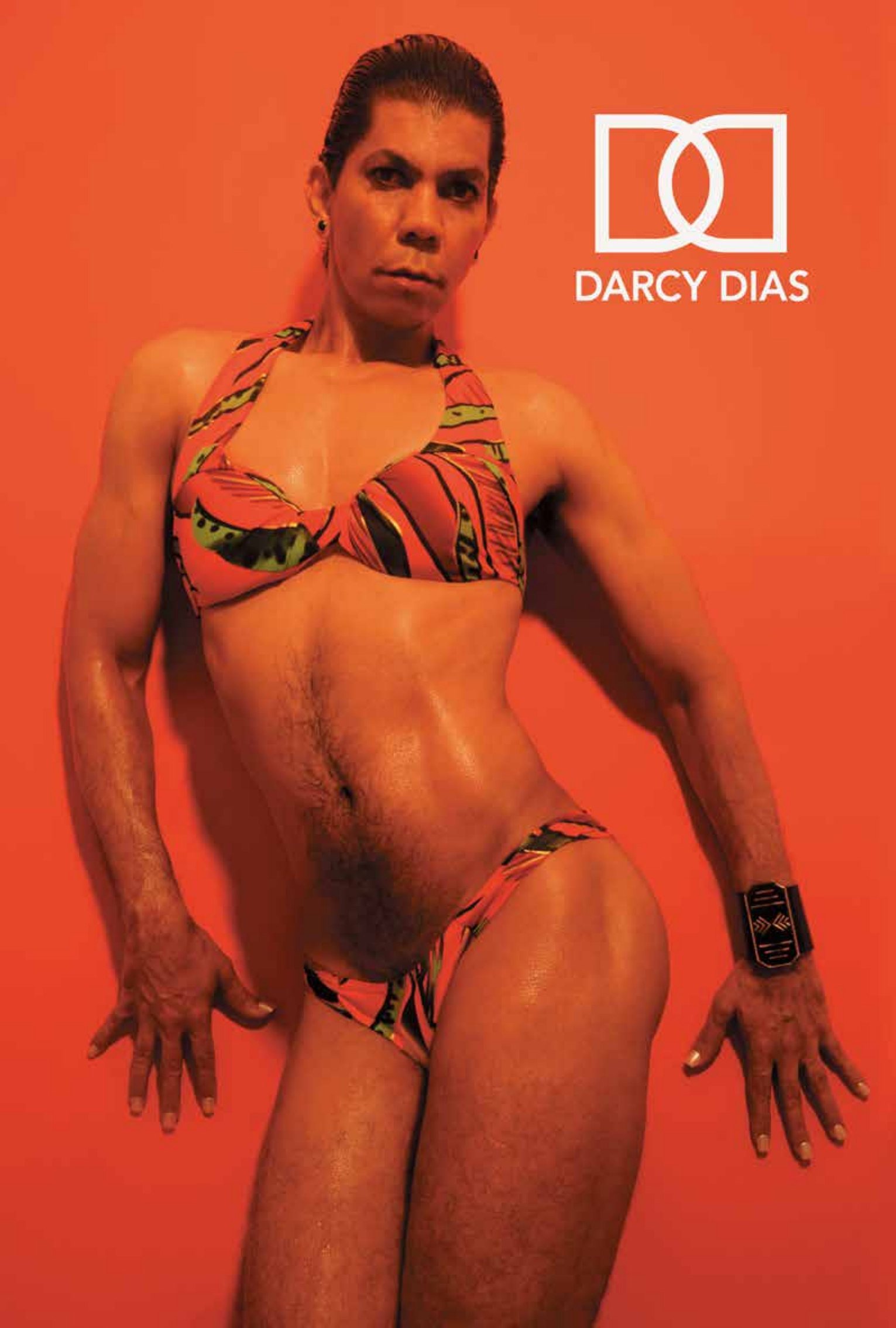
1. Literalidade: dezessete palavras na frase – um significado austero²;
2. Espaço: diante dos sinônimos das palavras dessa frase, a variação de combinação de significados é tão enorme quanto a variedade morfológica social que constitui as diversas sintaxes da vida humana;
3. Início: “Reconhecer” tem quarenta e cinco sinônimos, distribuídos nas classificações entre identificar, certificar, confessar, explorar, perfilar e agradecer;
4. Meio: “Os”, cinco, entre pronome demonstrativo e pronome oblíquo átono;
5. “Próprios”, cinquenta e três, entre os que são próprios ou intrínsecos, que são inerentes e imóveis;
6. “Privilégios”, dezenove, entre direitos de certos cargos e funções e privilégios de alguns grupos;
7. “É”, sessenta e seis, entre dizer respeito e manifestar-se como;
8. “O”, cinco, entre pronome demonstrativo e pronome oblíquo átono;
9. “Primeiro”, cinquenta e dois, entre o que ocupa a posição número 1, que acontece antes, que se refere aos rudimentos de algo, que é essencial, que está na origem de algo, que é melhor que os outros, que é usado para iniciar um discurso, que nasceu antes dos outros irmãos, que foi mencionado antes e o que é vencedor;
10. Meio: “Passo”, sessenta e sete, entre o movimento feito com os pés para andar, a deslocação do corpo feita com os pés, a pegada, a etapa de um processo, a ação empreendida, a conjuntura, o ato, um acontecimento engraçado, um trecho de uma obra literária, uma passagem estreita no monte e no mar, o que passou e relacionadas ao passo que, a passo e passo, e passo a passo;
11. Inversão: “Para”, trinta e seis, entre preposição que indica direção, que indica finalidade e intuito, propriedade, oposição, avaliação, capacidade, duração, comunhão, utilidade, quantidade equivalente e relacionadas a para que, para tanto, para isso e para além de;
12. Meio: “Entender”, setenta e três, entre compreender, ter conhecimentos e prática, considerar como certo após ponderação, pretender algo ao tomar uma decisão, dizer respeito a, entrar em acordo e entendimento, saber de si, ter por distração, e o entendimento;
13. “As”, cinco, entre pronome pessoal, demonstrativo, preposição que indica direção, que refere-se a preços, a tempo, conjunção subordinativa, coordenativa, na música, na eletricidade, na física e em bibliografia;
14. “Desigualdades”, seis, entre desigualdades e discrepâncias nos instrumentos de medida;
15. “Sociais”, vinte, entre os que gostam de conviver com os outros, que pertencem a todos, que são formais e cerimoniais e que vivem em sociedade;
16. “E”, nove, entre conjunção coordenativa adversativa e coordenativa aditiva;
17. “Lutar”, quarenta e seis, entre participar em luta, esforçar-se para conseguir algo, competir ou disputar, fazer frente a, discutir por meio de questionamentos e tapar com luto ou argamassa;
18. Meio: “Contra”, cinquenta e nove, entre em combate com, em sentido oposto, de encontro a, para alívio de, junto de, na proporção de, em troca de, com débito de, em inconveniência, em resposta negativa e de modo desfavorável;
19. Fim: “Elas” tem oito sinônimos, entre as classificações como pronome pessoal e simplesmente pronome;
20. Tempo: Sendo a variação por combinação uma prática linguística quase impossível ao homem, sobra às máquinas reproduzirem as recombinações algorítmicas das línguas;
21. Metáfora: $C_n, p = n!/p!(n-p)!$ combinações de sinônimos:
 $C_{588,17}=588!/17!(588-17)!$: quase infinidade de signos alterosos³;

Reconhecer Os Próprios Privilégios É O Primeiro Passo Para Entender As Desigualdades Sociais E Lutar Contra Elas⁴.

1 A metáfora é o exagero da literalidade.
2 A prática da austeridade é proveniente da literalidade das formas.
3 A forma da alteridade é proveniente da prática da metáfora.
4 A literalidade em exagero é a nova realidade da metáfora.



PARAÍSO TROPICAL
ROSANA PAULINO




DARCY DIAS

AUTORRETRATO, 2017
PETER DE BRITO



AS CHICAS, ALÉM DO TEMPO DA TRAVESSIA (DEPOIMENTOS)

POR ROSE STEINMETZ

Nasci na Geórgia Soviética. Cresci com meus avós maternos enquanto minha mãe morava e trabalhava em outra cidade. Morando em um bairro católico ortodoxo, com vizinhos e amigos frequentando igrejas recentemente reabilitadas, em casa os avós mantinham uma tradição judaica e nas grandes festas iam à sinagoga. Na escola eu jurava em russo fidelidade ao comunismo. Em casa falava georgiano. Desde a infância me preocupo com a questão da identidade, da língua que falo, do pertencimento a um lugar, à sociedade, à comunidade, de quem sou “eu”. Sempre senti a presença de mulheres fortes, a avó, a tia e a mãe. Minha avó, empregada doméstica, saiu para trabalhar na feira aos sete anos de idade. Criou sozinha duas filhas durante tempos duros da Segunda Guerra Mundial. As filhas – a minha mãe e tia –, bem como a avó, viajavam sozinhas, trabalhavam, cuidavam da casa, tomavam decisões, um fato fora do comum na época.

O projeto *As chicas, além do tempo da travessia* é uma projeção da minha busca atrás do “eu”, do “outro”, da invisibilidade, da margem, e da admiração que tenho por mulheres independentes. Fotografo e gravo depoimentos de mulheres latino-americanas imigrantes e viajantes, artistas de rua que trabalham na Grande São Paulo nos faróis como acrobatas e malabaristas. Eu as acompanho desde que cheguei à ocupação artística Ouvidor63, há um ano. Era um prédio abandonado, que foi ocupado por um grupo de artistas em 2014. O fluxo das mulheres viajantes é alto: algumas ficam no prédio, outras vão embora e voltam.

Seguem trechos da transcrição dos depoimentos de algumas *chicas*:

DANIELA CORRADI, 24 ANOS, ARGENTINA

- Sou artista de rua, malabarista, mulher, imigrante, trabalho nessa profissão por escolha há quatro anos. Trabalhando na rua você entra em contato com machismo, xenofobia, e você tá vulnerável porque tá se expondo. [...] Acho necessário que a arte deixe o local tradicional do teatro e passe para a rua, quebrando com o elitismo, a meritocracia [...] para ter acesso à arte independente, itinerante e livre.

LAURA RUIZ, 20 ANOS, COLÔMBIA - Sou viajante faz dois anos. Tenho um filho de um ano. [...] trabalho com meu filho no farol. Sou artista de rua porque [...] não tenho escolha. É muito complicado ser mãe sozinha, solteira, [...] por causa de preconceito, machismo. [...] É uma coisa que se encontra todos os dias. [...] É uma coisa para lutar contra.

BRENDA CORSO, 25 ANOS, ARGENTINA - [...] Tenho orgulho [...] ser uma artista de rua. [...] A vida do artista [...] é muito mais difícil do que outras [...] e pra mulher é mais difícil ainda. [...] É foda você [...] sozinha na rua e as pessoas acham que você é mulher da rua.

ZULLY BENITEZ, COLÔMBIA - Passei pelo Equador, Peru, Bolívia, fazendo farol, malabares, circo. [...] Meu trabalho como artista aqui é bom. [...] Mas muitas vezes acontece para mulher, artista, e às vezes

sozinha, ato de machismo no farol, na rua, no círculo de amigos também. [...] Muitas vezes eu vou trabalhar com minha filha no farol. Tem gente que pensa coisas ruins ou coisas boas, colabora ou não ajuda.

ALEJANDRA VELASQUEZ, 19 ANOS, COLÔMBIA

- Estou estudando artes cênicas. [...] Faço farol. É meu treinamento, onde eu encontro outras pessoas [...] Dá outras possibilidades para criar. [...] Tem caras que aplaudem e tem caras que falam com falta de respeito. Não entendo muito bem o que falam. [...] Eu faço farol na Guilhermina Esperança. Os caras do lixo sempre levam uma garrafa de água grande pra mim e falam “Menina! Água!”, e [...] como faço acrobacia no farol, com muito sol [...], com água dá pra fazer.

ERIKA SANCHEZ, COLÔMBIA - Homens de qualquer nacionalidade não respeitam as mulheres que trabalham na rua. Você tem que aceitar grosserias, falta de respeito [...]. E na verdade não tem que aceitar. [...] Isso acontece não só com as artistas de rua, mas com as mulheres no mundo [...], a falta de respeito [...] machismo [...], as mulheres não podem caminhar tranquilas na rua [...]. Temos que trabalhar nisso para que [...] o mundo seja mais consciente sobre esses temas.

LAURA CRUZ, 22 ANOS, COLÔMBIA - Eu [...] me sentindo incomodada [...], as pessoas não olham minha apresentação [...], mas olham no meu corpo. Me sinto bem incomodada.

MIS PRIVILEGIOS NO SON LOS MISMOS AQUÍ QUE ALLÁ

POR FAUSTO GRACIA

De inicio creo que es muy fácil detectar, encarar y visibilizar los privilegios de lxs otrxs, es casi un súper-poder moralista que nos permite desenmascarar al impostor, al facho, al poder hegemónico. Pero ¿qué sucede cuando tenemos que comenzar a ver, entender y, sobre todo, a responsabilizarnos por nuestros privilegios? ¿Lo hacemos? ¿Es fácil? ¿Podemos encararlo? Lo que intento decir es que, aunque es imperativo hablar sobre eso, para mi es básico que nos sigamos cuestionando las formas en cómo lo hacemos, los espacios que nos permitimos para dialogarlo, no solo a partir del lugar de habla, sino también del lugar de escucha.

En una reunión con amigxs militantes en México, surgió en la conversación el tema de los privilegios. El investigador doctorando Guillermo Hernández González puntualizó: “nuestros privilegios pueden ser una vulnerabilidad”. Sin duda es una frase que mueve muchas ideas, porque tendríamos que contextualizar desde donde está planteado el privilegio y cuál sería la vulnerabilidad que contrapone, es decir, mis privilegios no son los mismos aquí que allá y mis privilegios pueden no representarme. Mi tono de piel y mis rasgos faciales serán visibles o invisibles dependiendo de los espacios que habito y la gente con la que me relaciono; mi lengua o mi etnia serán pensadas como valiosas o exóticas dependiendo de la parte del mundo en que me encuentre; mis deseos serán cuartados o privilegiados dependiendo de mi identidad y disidencia sexual; y, definitivamente, no podemos dejar de señalar la cuestión económica que nos atraviesa a todxs.

Es claro que vivimos en una sociedad capitalista, patriarcal y heteronormativa en donde se han construido estructuras normalizadoras que nos determinan y nos encaran, y es por eso que debemos pensar en los privilegios, pero, sin olvidar los contextos y sus condiciones, porque eso sin duda va a suponer otros mecanismos de violencia. Como lo señala Guillermo Hernández González, el juego tan perverso del sistema crea una ilusión con relación a los privilegios, porque, aunque vivamos en ellos, somos vulnerables de otras formas, vivimos en una opresión generalizada.

Durante mi estancia en Brasil, de manera permanente durante dos años, he vivido una invisibilidad que no me había tocado experimentar anteriormente, o por lo menos no lo había hecho consciente. Eso me pasó y pasa en momentos distintos: en el ámbito profesional, como artista de performance enfocado en temas de género y procesos decoloniales, y en círculos más cotidianos. Son situaciones en las que literalmente las personas no me miran, mucho menos a los ojos, en las cuales puedo estar en un grupo de personas, conversando y, aunque participe de las opiniones, puedo ser ignoradx totalmente, es como si no estuviera ahí. En ocasiones, cuando estoy con mi compañerx, un chicx brasileñx de piel blanca, y encontramos a algúnx conocidx en cierto espacio, estx no me mira, es como si yo no existiera, aunque le haya sido presentadx.

Después de esos acontecimientos, pasé un tiempo tratando de entender el porqué de esas reacciones y qué las provocaba. Pensé que tenía que ver con mi disidencia sexual, con el hecho de no ser brasileñx, de hablar portuñol, de ser clase media, de no ser blancx, etc. —podrían ser todas esas cosas—.

Bueno, conociendo, desde la experiencia, la situación social de la ciudad, Campinas-SP, lo leo de esta forma: tiene que ver con mis rasgos indígenas, dentro de un contexto con un pensamiento esclavista, blanco y eurocentrista, en un país en donde la realidad de la comunidad indígena brasileña es terrible, lxs indixs son

masacradx, aisladx y saqueadx constantemente, con una invisibilidad que huele a muerte. Entendí todo eso al escuchar comentarios como “no tienes cara de brasileño”, “nosotros no tenemos rasgos indígenas porque estamos muy mezclados”, “claro, es mexicano, pues sí tienes la cara de indígena”, “¿eres peruano o boliviano?”, entre muchos otros. Puedo decirlo y con mucho orgullo que sí tengo sangre indígena y por ende mis rasgos también lo son. No me molesta que me digan peruano o boliviano, pero sí me enoja el sentido despectivo que desde ese contexto se le da, la categorización, la negación, el valor nulo, impuesto desde formas de pensamiento coloniales.

En ese sentido, me pregunto ¿cuáles son mis privilegios? Al nacer fui diagnosticado como biohombre, en un contexto machista como el mexicano, y como no pude responder a ese “privilegio”, eso trajo consecuencias. Siempre fui afeminado, hablaba raro y no me sentía atraído por las chicas. Era el jotito (“bicha”) de una familia de seis hermanos varones. Después y por no sentirme parte de esa realidad, al “salir del armario”, me identifiqué como homosexual, aunque tampoco respondí a los padrones de belleza y normatividad que la comunidad gay demanda —mi compañerx y yo hemos sido amenazados de muerte por nuestra apariencia. En Brasil, mi tono de piel y mis rasgos étnicos superaron mis privilegios como biohombre, ser artista formado y de clase media, no fue suficiente. Entonces ¿de qué hablamos cuando hablamos de privilegios? ¿Es todo una ilusión del sistema? ¿Es sólo un juego perverso que, aunque nos permite vivir en privilegio, posibilita otras formas de vulnerabilidad? Lo que pienso es que es algo mucho más profundo, en términos de investigación, reflexión y acción. Tenemos que seguir cuestionando nuestras posiciones de poder, nuestro pensamiento colonial capitalista, y no podemos simplemente seguir los temas que responden a agendas internacionales, superficiales, en vías de una banalización de mercado. Debemos profundizarnos en los temas que realmente nos atraviesan.

Resposta à Maria A. Soares

Anelise Csapo, São Paulo, janeiro de 2018

Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano optei conscientemente por tornar-me uma intelectual pois era esse trabalho que me permitia entender minha realidade e o mundo em volta, encarar e compreender o concreto. Essa experiência forneceu a base de minha compreensão de que a vida intelectual não precisa levar-nos a separar-nos da comunidade mas antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade. Confirmou desde o início o que líderes negros do século XIX bem sabiam — o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito que descolonizariam e libertariam suas mentes. — bell hooks, 1995

COMPA, nesse rápido exercício que transpassa as barreiras do espaço e do tempo, trago minha reflexão para dialogar com suas posições então publicadas. Quero deixar clara a minha crença na construção de uma nova sociedade, mas essa só será possível a partir de um processo revolucionário, com o nada simples detalhe de que o mesmo deve ser levado a cabo com o **ponto primordial da emancipação feminina**. Para que nosso sonho coletivo se concretize, precisamos respirar a resistência.

Devemos assumir que estamos no meio de uma guerra (quase) distorcida que tem colocado opressores contra oprimidos há tanto tempo...

Então, hoje presenciamos a **retirada de direitos trabalhistas**, o sucateamento da saúde e da educação e a legislação sobre o corpo das mulheres. A força coercitiva do estado dá as caras diariamente, com o monopólio da violência debaixo dos braços, enquanto diz proteger a tudo e a todos. Sabemos que um conluio muito maior é o denominador comum entre o estado e a mídia corporativa que criminaliza e difama o anarquismo por nossa combatividade via lutas sociais. **Ninguém sai ileso dessa: nesse jogo de forças, as mulheres ficam do lado da corda que arrebenta**, pra darmos de cara com o chão, isso quando não passamos dali para o derradeiro fim. Como foi com muitas de nós que já se foram, infelizmente. Tenho participado da **militância no anarquismo organizado e na solidariedade internacionalista com a resistência popular curda**, por acreditar no fortalecimento desse poder a fim de seguirmos **ombro a ombro contra a EXPLORAÇÃO gerada pelo capitalismo, pelo estado e, principalmente, pelo pião que move todas as outras peças: a opressão de gênero patriarcal.**

Eu me despeço com um lema curdo que nos remete à **essência da luta: A RESISTÊNCIA É VIDA!** E assim seguimos...

**Reconocer los
propios
privilegios**

**Es el primer
paso para
entender**

**Y luchar contra
las
desigualdades
sociales**

Despertar feminino

Maria A. Soares. *A Lanterna*, 08 de outubro de 1914

É com grande satisfação que vejo, por meio da imprensa, o **grande voo** que vai tomando o **feminismo**. É verdade que a maioria das feministas de hoje visam quase essencialmente à conquista do voto – e eu sou contrária ao voto por ser uma coisa inútil e até um obstáculo para a marcha do progresso. Mas o que mais admiro e aprecio nessa luta empreendida pelas sufragistas é a sua perseverante energia, que faz com que não se detenham ante nenhum obstáculo para conseguir o que desejam.

Bem sabem elas que pacificamente nada conseguirão, e, muito acertadamente, empregam a **ação direta**. Manifestam-se também com vigor, nestes tempos, **outras tendências de feminismo além das sufragistas**, que certamente virão a despertar no meio feminino um certo grau de atividade e que reverterá em favor da sua **completa emancipação**.

Como já disse anteriormente, senti **imenso prazer ao ver esse despertar tão almejado**, mas não sei a que atribuir a indiferença que reina entre as companheiras, tanto do Brasil como do estrangeiro, **neste momento propício para a propagação das nossas ideias**.

O elemento feminino, cansado de viver escravizado, compreendeu que já é **hora de conquistar seus direitos usurpados pelo ridículo orgulho masculino**, e como em sua obscura existência não pode reflexionar e portanto compreender onde está a verdadeira emancipação, na sua ânsia louca de liberdade seguirá o caminho que primeiro lhe indicarem, julgando ter feito muito bem.

Vemos que se acham na brecha agora as sufragistas.

Pois bem, como não veem outro caminho trilhado, seguirão forçosamente esse.

Acontecerá da mesma forma que com os socialistas parlamentaristas no meio operário.

Intrometeram-se tanto, conseguiram fazer acreditar nas suas promessas vãs, e temos os resultados funestos, vendo-se hoje muitos trabalhadores que ainda creem que a sua felicidade será completa quando forem governados por socialistas.

Se deixarmos que a política absorva todas as energias da mulher, mais elementos teremos de combater, e portanto mais encarniçada e difícil será a luta para conseguir a emancipação que procuramos.

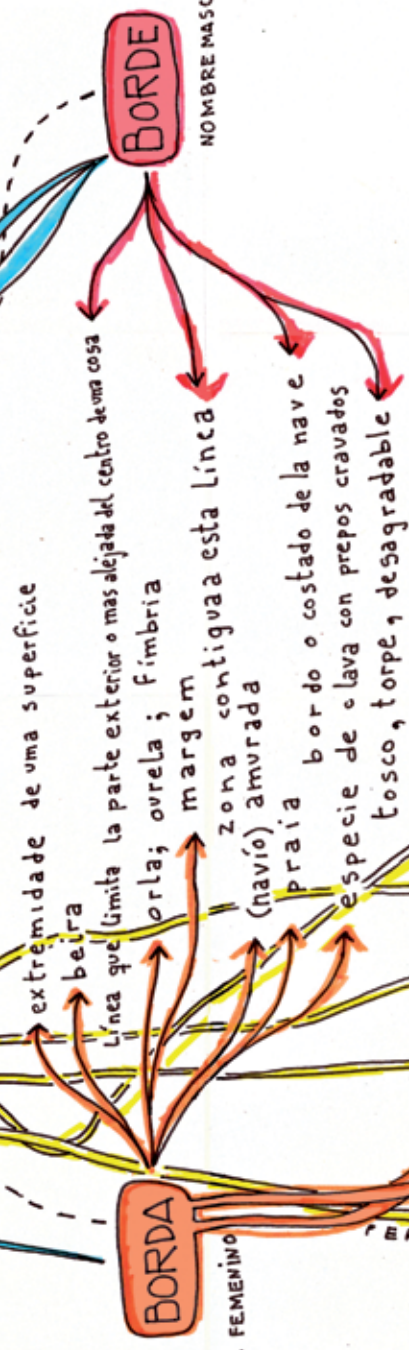
Portanto, **companheiras**, apelo para vós, em nome do futuro da Humanidade, para que **unidas nos lancemos na luta**, procurando **eliminar tudo quanto obstrua o caminho que há de conduzir-nos ao futuro ditoso, que tem sido o sonho mais doce da nossa vida**.

Sim, **unamo-nos** e não deixemos que progrida esse novo *morbus* que se introduziu entre nós e teremos assim evitado que amanhã sejam nossas inimigas as que hoje são nossas irmãs.

DO JORNAL AO BORDA

MAPA DE TRANS-BORDES Y OTROS DERRAMES

LZ LEONELLO ZAMBON ANACOCOTIANA



JOSÉ TIBURCIO BORDA (1869-1936), psiquiatra argentino

HOSPITAL NACIONAL José Tiburcio BORDA (EL BORDA), principal neuro psiquiátrico de Buenos Aires

NO HAY EXISTENCIA DE

- CARBAMACEPINA 200 mg
- CLOMIPRAMINA 25 mg
- CLOROPROMACINA 100 mg
- SODIO DIVALPROATO 250 mg
- SODIO DIVALPROATO 500 mg

PERIÓDICOS

- Clarín 26/05/2012
- LA NACIÓN Sábado 27 de mayo de 2012
- LA NACIÓN Lunes 2 de junio de 2014
- LA NACIÓN Jueves 25 de agosto de 2016

Las dos caras del hospital Borda